

# Encontros Sinistros

## Contos



Maria Olíbeira

**Copyright © 2023**

**Todos os direitos reservados**

**A reprodução não autorizada desta publicação, dos textos ou em partes, constitui violação do direito autoral (lei 5988/73 e lei 9610/98)**

**Revisores :Laura Regina**

**Leo Cargi**

**Imagens Pixabay – gratuitas**

**Editora INDE**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

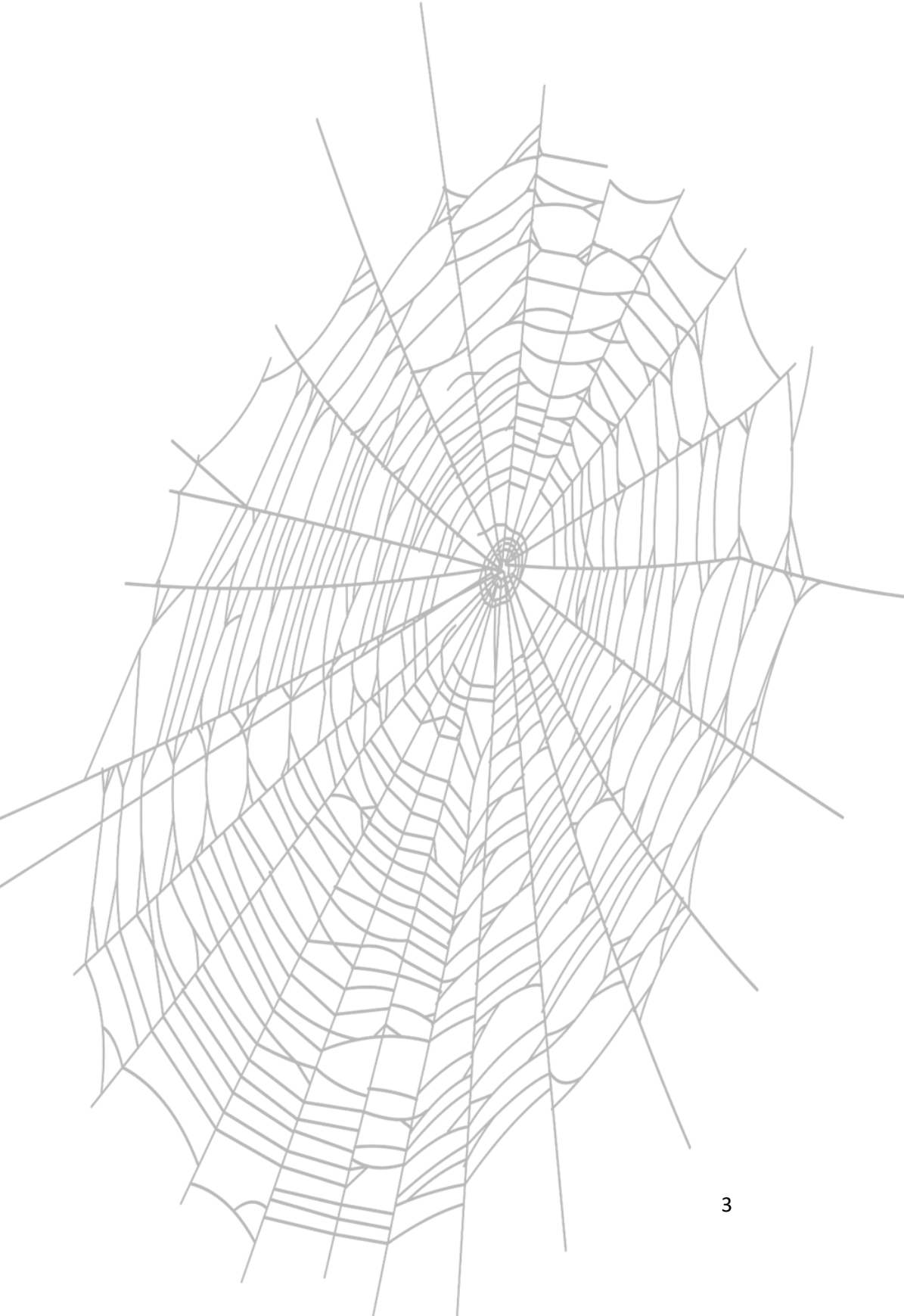
**Encontros sinistros- Contos - Gênero suspense/ terror**  
**Maria das Chagas Oliveira**

**- 1. Ed. – São Paulo, 2023**

**ISBN: 978-65-6026-011-5**

**Índice para catálogo sistemático:**

**800. Literatura Brasileira**



## SUMÁRIO

O CUIDADOR .....	5
BRUXAS.....	11
SUELI MARIA.....	20
JOHN.....	30
CEMITÉRIO .....	40
O FAZENDEIRO .....	43
FAZENDA ALVORECER .....	46
TESTOSTERONA.....	51
INVASOR.....	57
COLONIZADORES.....	63
EU E VOCÊ .....	70
GRATIDÃO .....	72
AO TEU LADO .....	74
CAFÉ COM MEU AMIGO HUMORISTA .....	75
LÍDIA .....	78
HOMOFOBIA.....	82
AUTÓPSIA .....	86
EU E MINHA FAMÍLIA .....	91
DÉCIMO PRIMEIRO ANDAR .....	95
O GENERAL .....	97
PEQUENO GABRIEL.....	99

## ***O CUIDADOR***

Eu me chamo Luiz, nasci no município de Socorro, interior de São Paulo. Cidade conhecida internacionalmente pela preocupação com a acessibilidade, o que demonstra respeito para com as pessoas com deficiência e as que já desfrutaram de muitos anos de vida.

Em 9 de agosto de 1829, foi realizada a primeira missa na capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a padroeira que deu origem ao nome da cidade.

Toda a minha família foi gerada aqui. Tínhamos um pequeno sítio, onde aprendi a trabalhar na roça. Minha família era católica, éramos muitos religiosos. Vivíamos muito felizes, mas após a morte de meus pais, por ser filho único, minha vida tornou-se muito solitária. Não contrai matrimônio e não tenho filhos.

Cuido do senhor Giovanni, que foi patrão dos meus pais. É um trabalho que faço com muito prazer.

O tempo passou para ele, filhos e filhas lhe deixaram sozinho no grande casarão que construiu para sua família de seis pessoas: sua falecida esposa e quatro filhos. Apenas uma neta lhe enviava cartas muito raramente. Eu mesmo não a conheço.

Em uma bela manhã, depois de um tenebroso pesadelo, acordei muito estranho, sentia raiva da vida que eu vivia, sentia-me revoltado, preso ao lado de um velho inerte em uma cama, como se fosse um morto-vivo.

A partir daquele dia fui deixando tudo de lado, há muito tempo já não limpava o jardim e o desejo de dar fim àquela situação crescia rapidamente, aquilo me corroía. Sem conseguir me controlar, certo dia dei vazão aos meus instintos. Derrubei-o da cama e desferi vários chutes naquele frágil velho, chutei com muita força, sem me importar com o que poderia acontecer. Depois que o

vi morto me senti muito orgulhoso, como se eu fosse um novo homem.

O velho já não existia. Eu admirava a beleza daquela grande e mórbida casa, cheia de espíritos da morte. Casa tem paredes com pinturas extravagantes e muitos quartos, mas apenas um era usado. Os outros quartos, bem como todas as janelas, permaneciam fechadas, era o costume, pois o senhor Giovanni sempre teve medo de que alguém entrasse. Pobre velho, ele nunca desconfiou que o seu cuidador seria o seu algoz. História comovente não?

Após matá-lo eu me acalmei, pois, isso passou a fazer parte da minha natureza, não consigo viver sem destruir vidas.

Do quarto, que agora ocupo na casa, olhei para o jardim e me senti desolado. As flores estão mortas, só existem arbustos ali. Contudo, nessa casa eu me completo, faço cenários para quando minha companheira inseparável aparecer, para que façamos mais vítimas e provoquemos mais dor, mais sofrimento. É tão maravilhoso e sedutor ouvir e apreciar gritos angustiantes de terror. O medo dos outros me regozija. É como se fosse um orgasmo. Quando penso nesses momentos, fecho os olhos e visualizo as entranhas da minha próxima presa.

Comecei a andar pela casa do velho, que já não está neste mundo, apenas suas lembranças pairam sobre mim. Lembro-me daquele idiota, pensando que eu iria me preocupar com sua nefasta vida. Terrível foi a sua morte, proporcionada por mim. Sempre brindo os meus feitos. E assim o faço para minha satisfação.

Passaram-se dois anos, eu continuava morando naquela casa confortável, com cheiro de morte.

Uma batida na porta principal e depois uma voz masculina:

— Tem alguém aí?

Fiz de conta que não tinha ouvido. A voz insistia com a mesma pergunta. Irritado, fui atender.

Ao abrir, lá estava o carteiro me olhando assustado. Ele me entrega um envelope endereçado ao velho e retira-se rapidamente.

Abri o envelope, li a carta e comecei a rir. A neta do velho, de 18 anos, queria passar férias com o avô.

Essa carta me fez muito bem, foi um presente da morte. Pude sentir o sangue em minhas mãos.

Respondi com todo cuidado para que ninguém desconfiasse. É muito difícil imitar a escrita de um velho gagá. Vou aguardar a resposta.

Duas semanas depois recebi outra carta da moça informando que chegaria no começo do mês seguinte. Fiquei muito ansioso, faltavam apenas cinco dias para começar o mês de outubro. Desde que acabei com a vida daquele insignificante só me apareceram pequenas emoções. Eu preciso me controlar para colocar em prática todo o meu poder pessoal e não estragar meus planos para essa garota.

Estou angustiado, sinto muita necessidade de fazer maldade, pegar uma pequena criatura inocente, abusar e depois jogar fora. Não consigo me conter. A neta do velho terá uma surpresa quando souber quem sou.

Na boca da noite, um carro de cor prata estaciona diante da casa. Janela fechada, através de uma fresta eu vejo uma linda moça dirigindo-se à porta principal. Deve ser a minha visita, pois já estamos em outubro. Abri a porta segundos antes que ela batesse. A belíssima garota se assusta e, sorrindo, me cumprimenta.

Nunca tive o prazer de me deleitar com algo tão bonito. Os deuses atenderam meu pedido. Eu poderia desfrutar daquele manjar de todas as formas.

Pedi para que ela entrasse. Delicadamente, sentou-se no sofá e cruzou as mais belas pernas que já pude contemplar. Perguntei seu nome.

— Angélica.

— Lindo nome.

— Obrigada.

Percebi que a visitante estava inquieta, querendo informações sobre seu avô.

— Angélica, peço desculpas, mas seu avô já está dormindo. Devido à sua idade, ele se recolhe muito cedo. Amanhã você poderá vê-lo. Estou cuidando dele há muito tempo e conheço todos os seus hábitos.

— Claro, entendo. — respondeu.

— Vou mostrar o seu quarto para você descansar.

— Obrigada. Então vou para o meu quarto, amanhã conversaremos mais.

Eu dei a ela o mesmo quarto que era do avô. Pobre Angélica, não sabia o que lhe reservei. Ela nem desconfiou que fiz a passagem daquele traste.

Ao chegar ao quarto percebi que ela sentiu algo estranho. Balbuciou que parecia ouvir a voz de uma pessoa velha e cansada, mas não conseguia entender o que a voz dizia. Quando viu o quadro com a foto do avô, retirou-o da parede e o abraçou com força. Chorou muito, pedindo perdão por tê-lo deixado sozinho.

No dia seguinte, bem cedo, bati à porta do quarto de Angélica.

— Olá. — disse, com o cabelo todo desarrumado, sorrindo para mim.

— Por favor, venha à cozinha tomar seu café.

— Obrigada.

Angélica estava com os olhos inchados de tanto chorar. Olhou para mim, parecia uma águia à procura da sua presa. Fiquei preocupado. O medo é uma parte da vida de todos nós, confesso que eu não sou diferente. Caso ela começasse a fazer perguntas diretas eu me



sentiria embaraçado. Tomei uma decisão rápida. A mataria ali mesmo. Antes, deixei que ela fizesse seu desjejum, pois é hilário o sofrimento da pessoa com a barriga cheia. Nesta situação há duas vertentes para a morte: primeira, ela morre sufocada pelo próprio vômito; segunda, morre em decorrência de um forte mal-estar.

Fiquei ali, admirando os olhos azuis e os cabelos loiros que adornavam aquele corpo que, em pouco tempo, estaria em meus braços se despedindo da vida.

O instinto perverso foi se intensificando até que a fera que há dentro de mim não se conteve e atacou, ferozmente, aquela que poderia se transformar em meu algoz. Derrubei-a da cadeira, deixei-a despida para o meu bel-prazer e comecei a machucá-la. Enforcando-a devagarinho, deliciando-me com o seu sofrimento, eu pensava em como lhe infligir uma dor descomunal. Um estupro? xingamento para que ela se sentisse uma pessoa desprezível, a menor das pessoas? Não, não era bem isso que eu queria.

De repente, ouvi um som abafado, parecia uma voz vinda de longe. Olhei para a porta da cozinha e lá estava o velho, olhando-me com um olhar de condenação. Não liguei, pois, tinha consciência de que ele estava morto.

Fiz todo tipo de maldade que um ser humano pode suportar. Quando me dei conta ela estava respirando com muita dificuldade.

Diante daquele corpo já sem vida, restava colocar em prática a outra parte de meus anseios: esartejá-la e comer pedaços daquela carne branca e macia. Mordi pedaços de seu corpo e comecei a gritar desesperadamente, eu sentia um prazer indescritível que me fazia delirar.

Batidas fortes na porta.

Do lado de fora, pessoas gritando: “Aqui tem um endemoniado”, “vamos derrubar essa porta”. Ouvi o som de muitas sirenes, haviam chamado a polícia!

Saí rapidamente pela porta da cozinha, mas não era o meu dia de sorte. Um policial muito forte me deu uma rasteira. Caí, acordei na prisão, dentro de uma cela, onde ficarei por longos anos.

## ***BRUXAS***

Há mais de três séculos, várias mulheres foram enforcadas e queimadas vivas simplesmente por terem conexão com as energias da natureza. Foram consideradas bruxas. Mas toda essa barbaridade não as deteve. Elas continuam vivas, desfrutando dos princípios fundamentais da bruxaria natural. A natureza não morre, ela é eterna.

Em um dia do verão de 2004, às seis horas e trinta minutos, alguém bate à porta de uma instituição social em São Paulo. Eram batidas fracas. Duas funcionárias, Raimunda e Petrolina, cuidavam da limpeza e eram responsáveis pelo atendimento antes das oito horas da manhã.

Raimunda pede para Petrolina atender. Ao abrir, ela se depara com um pobre menino todo desajeitado, mais uma criança necessitada, abandonada à própria sorte. A funcionária pegou nas mãos do garoto e o convidou para entrar. Sentaram-se em um sofá confortável e, tentando obter alguma informação sobre ele, Petrolina perguntou pelos seus pais. Ele nem mesmo sabia seu nome, só dizia “mamãe”.

Petrolina o abraça e o acolhe, dando-lhe roupas limpas, pois estava sujo, cheirava mal, os cabelos impregnados de terra e com piolhos. A bondosa senhora cantou uma música de ninar e lhe deu o nome de Aparecido, devido às circunstâncias da sua chegada à instituição.

Às oito horas chegaram os funcionários da administração. Petrolina apresentou o menino com o nome dado por ela: Aparecido.

Regina, uma assistente social, se encantou com o garoto. Apesar da desnutrição, cabelos ressecados e o corpo cheio de hematomas, ele sorria. Foi paixão à primeira vista. Seguindo o que determina o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), tiraram o pequeno daquela unidade. Ali só podiam ficar os adolescentes. Aparecido foi para um abrigo infantil.

Na primavera de 2005, a cidade paulistana estava radiante com suas alamedas, parques e jardins floridos. Desembarca no Aeroporto de Congonhas o bem-sucedido casal Stone. Samuel e Sarah são americanos e não tinham filhos, vieram ao Brasil com o intuito de adotar uma criança e, para isso, procuraram os órgãos públicos. Os responsáveis por esses órgãos apresentaram-lhes o ECA e, após análise, comunicaram que o casal, de acordo com as exigências do país, estava habilitado à adoção.

Eles não tinham preferência por sexo, idade ou cor. Foram conhecer um abrigo infantil onde se encontravam várias crianças, entre elas, o Aparecido. Após um ano de internação, estava lindo e forte; sua pele escura de pancadas, estava branca e saudável.

Sarah Stone teve uma rápida conversa com as cuidadoras, logo em seguida chegaram as crianças para possível adoção. Ao ver Aparecido a americana não teve dúvidas, seria esse belo garoto. Ele sorria para a mulher como se a conhecesse, muito simpático e receptivo. O casal tomou a decisão de adotar aquele ser maravilhoso.

Nos meses seguintes, a burocracia toma conta dos dias do casal Stone. Eles ficam um ano e meio em São Paulo, para que os trâmites legais fossem cumpridos

e assim pudessem levar o pequeno Aparecido para Denver.

A emoção tomou conta dos três quando, finalmente, foi determinado o dia em que poderiam partir com o filho.

Apesar de os pais adotivos de Aparecido serem muito reservados, a chegada a Denver foi uma festa.

Eles não sabiam a idade exata do menino, mas segundo sua documentação, feita no Brasil, ele completaria dez anos em 18 de outubro daquele ano corrente, 2007. Sarah ficou embaraçada, pois, ele era muito pequeno para essa idade. Contudo, cresceu rápido e ficou grande e bonito.

— Enfim, estamos em casa. — disse a Sra. Stone. Aparecido, sem nenhum constrangimento, começou a chamá-los de mamãe e papai. As lágrimas tomaram conta do casal.

Passaram-se quatro anos. O Brasileiro, como era conhecido na escola, gostava muito de ler e cultivava um prazer muito peculiar por determinada literatura.

O Sr. Samuel dizia-se cético. Porém, lia muitos livros de bruxaria, enquanto seu filho virava a noite lendo livros sobre feitiços. Com pouca idade, o menino já tinha opinião formada sobre feitiçaria.

Sarah ficava mais apreensiva a cada dia, pois Cid — era assim que o chamavam carinhosamente — entregava-se de corpo e alma àquela literatura, que chamava de maléfica.

Em certa manhã, os raios de sol que entravam pela grande janela do quarto do casal, refletiam no

espelho e confundiam Sarah. Ela visualizava, do seu lado, a silhueta de uma mulher estranha, porém não conseguia ver suas próprias costas refletidas no espelho.

Tarde demais, pensou. Levantou-se para ver o filho. Esqueceu que Cid se levanta cedo. Foi até o seu quarto. Ao entrar no aposento ficou perplexa, viu muitos livros de feitiços e bruxarias espalhados por todo o quarto! Conversar com o filho seria de grande valia, refletiu.

Duas semanas se passaram. Sarah ainda não sabia como conversar com o garoto. Uma energia poderosa não lhe deixava tomar essa atitude. Tentou falar com Samuel a respeito do que viu no quarto. Sentia-se acuada, receosa diante do que poderia acontecer, não tinha argumentos, muito menos coragem para enfrentar tal situação. Entretanto, não poderia deixar seu filho seguir esse caminho, pois era muito jovem para absorver aqueles conhecimentos poderosos sem o acompanhamento de um mestre.

As bruxas foram queimadas, mas nem todas morreram. As que ficaram vivas se esconderam e depois de muito tempo deram continuidade às suas raízes. Essas são as bruxas da contemporaneidade.

Aparecido era um adolescente lindo. Cobiçado por muitas garotas e invejado pelos garotos. Certo dia, na saída do colégio, avistou Vic, sua amiga de classe, apanhando de Steve. Sem sair do lugar em que estava, ele proferiu algumas palavras e o agressor soltou a amiga e foi embora.

No dia seguinte a escola estava de luto. Steve se suicidou. Os familiares ficaram inconsoláveis, sem

entender como aquele menino educado e inteligente pôde tirar sua própria vida. Era difícil de acreditar.

Sarah foi informada por outra mãe de aluno que Cid, apesar de muito cortês, ele demonstrava rompantes de fúria, muito visíveis em seu semblante. Nesses momentos seu rosto mudava. Ele não sai do lugar, mas fala palavras incompreensíveis e coisas ruins acontecem — disse a senhora.

Sarah pensou em falar com o filho quando ele voltasse do colégio. Às dezoito horas, Cid chegou e perguntou:

— Está me esperando? Quer falar comigo, mamãe?

— O que disse?

— Eu sei o que você quer me dizer, mamãe.

— Como você sabe?

— Não importa. Pergunte! Tire suas dúvidas. Mas você pode não gostar das respostas.

— É um assunto sobre você mesmo. — disse Sarah, pausadamente.

— Sim, eu sei.

— Meu filho, me diga por que você lê livros de bruxaria?

— Quer mesmo saber?

— Sim, quero.

— Estou procurando o que não me contaram, mas que aparece em meus sonhos e pensamentos.

— Seus sonhos? Como assim?

— Desde que a conheci, te vejo de uma forma muito especial.

— Especial? Explique melhor.

— Mamãe, me diga quem é você, afinal.

— Não sei do que está falando.

— Você tem um passado, não tem?

— Não tenho resposta para essa pergunta.

— Não?

— Eu que pergunto a você, meu filho. Qual é o seu passado?

— O meu passado você conhece. Mãe, Denver foi a Vila de Salem, onde queimaram mulheres e crianças. Inquisidores diziam que elas eram bruxas. Os castigos aplicados foram terríveis, colocaram-nas em lugares hostis, uma dor tamanha que pediam para morrer. Venha ao meu quarto, vou te mostrar um livro muito antigo que encontrei.

— Filho, estou ficando nervosa.

— Vai ter um ataque do coração quando souber o que eu descobri sobre sua origem.

— Como assim, você sabe de onde eu vim?

— Eu sei que você conhece sua origem.

Sarah então permanece calada e deixa seu filho à vontade para falar:



— Uma mulher tinha três filhas adolescentes, uma menina de seis anos e um garoto de oito anos. Havia também o Black, o cachorro da família. Todos foram queimados, exceto as três adolescentes, que conseguiram se esconder no porão da casa. Depois fugiram e nunca mais se soube nada a respeito delas.

Sarah ouvia com atenção e Aparecido continuou:

— Mãe, aqui está o livro que conta sua história. O autor não soube precisar como tudo aconteceu. O que se supõe é que existem, as bruxas contemporâneas estão vivas e atuantes.

Sarah pega o livro em suas mãos e o segura com força. O título é *Bruxas que não morreram*.

Naquela noite, em sonho, ou pesadelo, Aparecido via um clarão, seguido de uma tempestade que mostrava uma data: 31 de outubro. Acordou assustado. Seu subconsciente o informava, insistentemente, que aquele era o dia do seu nascimento e deixava bem claro que qualquer comemoração de aniversário teria que ser feita naquela data.

Uma semana depois da conversa com Cid, algo estranho aconteceu no porão.

Sarah ficou pensando por que sempre sonhava com três moças saindo pela janela de um lugar cavernoso. Dirigiu-se ao porão e fez uma reza, evocando espíritos. Ela sabia fazer seus encantamentos, mas não deixava que soubessem. Toda a história que seu filho contou, bem como o livro, eram do seu conhecimento. Mas tudo aquilo era um assunto só dela.

Cid estava em seu encaixo. Escondeu-se debaixo da escada enquanto sua mãe invocava os espíritos. O jovem aprendiz de bruxaria pensava que sabia muito e que era um *superstar* da magia. Quando viu sua mãe agindo, ficou nervoso e gritou.

Sarah, entrando em transe, se transforma em outra mulher, muito sedutora. Cid sentiu desejo por ela. Mas como isso pode acontecer comigo? É minha mãe, falou, baixinho. Porém, Sarah conseguiu ouvi-lo.

— Não sou sua mãe. Sou sua guardiã. Você foi adotado. Está aqui por um propósito.

E, dizendo isso, partiu para cima de Cid. A maldita tinha uma força descomunal. Estava difícil de ele se desvencilhar. Logo, aquela linda mulher de cabelos loiros e olhos azuis transformou-se em uma caveira, exalando um odor insuportável. Corpo parecia ser feito de lama densa. O Sr. Stone, entrando na garagem, ouviu os gritos.

Cid, conseguindo se soltar daquele ser horripilante, sobe as escadas correndo e encontra seu pai, que pergunta por Sarah.

— Está aí dentro.

— Ela está bem?

— Sim.

Samuel desce e encontra Sarah com um sorriso encantador.

— O que aconteceu? — pergunta Samuel.

— Nada, Cid escorregou na escada.

— Pensei que tivesse acontecido algo grave.

— Não se preocupe, querido, está tudo bem.

No jantar, conversaram sobre o 31 de outubro, dia da Festa de Halloween, combinaram que iriam fazer uma bela comemoração.

Como foi acertado, fizeram uma grande festa, com muitas iguarias e doces, pois comemoravam o aniversário de Cid. A noite foi encantadora, porém misteriosa. Cid observava os pais silenciosamente. Disseram que iam às casas dos vizinhos e, perguntaram: as crianças, doces ou travessuras?

Em dado momento, Samuel olhou fixamente para o filho e disse que precisava contar uma história:

— Cid, você foi escolhido, por isso não importa o dia exato do seu nascimento. Nós três temos a mesma ascendência, pertencemos à mesma linhagem. Nosso encontro tinha que acontecer para dar continuidade à essência da natureza. Só quem é de nossa linhagem consegue compreender.

Exato à meia-noite, os três saíram batendo às portas dos vizinhos portando abóboras esculpidas em forma de rostos, iluminadas com velas.

Um dos vizinhos, que muito se incomodava com a maneira que a família Stone se comportava, ficou os observando. Para seu espanto, viu que antes de bater às portas eles se transformavam em vultos negros e, antes de serem atendidos, voltavam ao normal. Esse vizinho, não suportando o que viu, teve um mal súbito e faleceu.

Com aquele rápido ritual, os Stone mantinham viva a tradição: doçuras ou travessuras?

## ***SUELI MARIA***

Naquele cortejo fúnebre, uma multidão chora e grita pelo nome da artista Sul. Pobre Sul, a moça passou desta vida para outra sem perceber, como se fosse em um sonho, sem chance para se defender.

Sueli Maria, paraibana, dezoito anos de idade, chegou a São Paulo no ano de 2015, em busca da realização de seus sonhos.

Sul sabia tocar violão, piano e bateria. Nascera em uma família de músicos e desde pequena se interessou em aprender a tocar alguns instrumentos, incentivada por seus tios e avós, que também lhe ensinavam. Aprendeu a cantar com sua mãe, que fazia apresentações no estabelecimento comercial da família, a Cafeteria dos Músicos. Ali, Sul aperfeiçoava seu repertório.

Chegou ao Aeroporto de Congonhas à noite, mas lá estava Rogério, um amigo que conhecera pela internet, à sua espera.

Ele, um moço de vinte e um anos, muito bonito e inteligente, demonstrou ser um jovem muito respeitoso. Na viagem do aeroporto até seu apartamento foram apenas elogios, um admirando o outro pela beleza, das roupas que estavam usando.

Pararam na Rua Tabatinguera, local de moradia do amável internauta. Um apartamento antigo, com dois quartos grandes e aconchegantes, um deles reservados para a amiga, pedindo apenas que mantivesse o apartamento sempre em ordem e bem arrumado.

Sul nunca se envolveu com drogas, mas sentiu um cheiro que já conhecia e Rogério perguntou se ela queria um pouco da erva. Ela, no entanto, relutou, não queria entrar em algo ilícito, tinha outros planos.

Sul fez algumas pesquisas na internet e logo encontrou um *site* sobre *shows* musicais. O diretor, Carlos Antônio, estava selecionando candidatos para o próximo espetáculo que iria montar. Ela entra em contato e marca uma entrevista para a próxima semana.

Naquele final de semana, Rogério a convida para desfrutar da noite paulistana. Eles estavam intensificando um relacionamento *on-line* que já durava dois anos. Ele leva a amiga ao Hilton Hotel, um deslumbrante edifício situado na Av. Ipiranga, no centro de São Paulo. Depois vão para outro prédio maravilhoso, o Circolo Italiano, também conhecido como Edifício Itália, um dos prédios mais altos de São Paulo, que atrai a atenção de muitas pessoas.

Comeram uma feijoada muito gostosa no restaurante daquele lugar e Sul observou atentamente um cartaz em frente ao Teatro Itália, de uma peça em que uma das maiores estrelas brasileiras era a protagonista.

A quarta-feira foi um dia quente, o encontro seria às dez horas da manhã. Metrô lotado e pessoas com mochilas nas costas, sacolas e muita pressa. Ela não estava acostumada com tanta agitação.

Na sala de espera havia vários candidatos, Sul era a única mulher. Às dez horas em ponto uma porta se abre, aparece um homem alto e elegante, aparentando quarenta anos, que olha para ela e diz:

— Você é Sueli Maria?

— Sim, sou eu.

— Entre, por favor! Muito prazer, sou Carlos Antônio. Sou produtor, promovo bandas musicais, capitalizo *shows* e dou oportunidades para cantores, cantores que também toquem instrumentos, e tenha muito talento. Quantos anos você tem? Conte o que sabe sobre música e que instrumentos toca.

— Tenho dezoito anos. Tudo que sei, aprendi com minha família, pais, avós e tios, todos músicos. Toco violão, piano e bateria, dentre todos meu melhor desempenho é no piano.

— Então vamos para a outra sala, quero que me mostre suas habilidades nesses três instrumentos.

Sul demonstrou seu conhecimento. O diretor agradeceu e dispensou-a, dizendo que entraria em contato. Ela chegou ao apartamento arrasada com a frieza daquele homem, deitou-se no sofá e só acordou com a chegada de Rogério. Cumprimentou seu amigo com um beijo no rosto e contou o ocorrido. Ele a acalmou, dizendo que tudo daria certo.

Duas semanas se passaram e, em uma manhã, o telefone tocou.

— Alô, pois não,

— Quem fala?

— Aqui é a Sul.

— Bom dia. Sou Mário, assistente de produção da C.A. Produções. O diretor, Carlos Antônio, quer falar com você amanhã às dez horas da manhã. Tudo bem?

— Sim, combinado, amanhã às dez horas. — respondeu à moça, animadamente.

No dia seguinte, ela chega ansiosa à agência C.A. Produções e o diretor já estava à sua espera.

Foi tudo muito rápido, aquele homem muito atraente estava à sua frente novamente e lhe abriria as portas para o mundo do *show business*. Carlos Antônio olha para Sueli e pede que toque outra música, de qualquer ritmo, ao piano. Tocou uma música romântica que, fez muito sucesso na época da Jovem Guarda. Ao final, ele pediu para que Sul aguardasse na recepção, pois iria fazer outra audição.

Demorou algumas horas para chamá-la. Finalmente, ao entrar na sala, ela deparou-se com três garotos que aparentavam ter mais ou menos a sua idade. O diretor fala para todos:

— Quero informar que a C.A. Produções tem a intenção de contratá-los para fazerem parte de um projeto chamado “Cantando para a Vida”. Que tal, vocês aceitam?

Sul percebeu que todos foram pegos de surpresa, mas entreolharam-se e responderam, afirmativamente, ao mesmo tempo.

— Amanhã estejam todos aqui para assinarem os contratos, começaremos a ensaiar, já temos um evento para nos apresentar.

Sul chega à casa eufórica, louca para contar a Rogério, mas ele não estava. O telefone tocou, era a mãe de seu amigo avisando que ele havia passado mal do estômago e estava na Santa Casa, mas não era nada grave.

Apesar de estar apreensiva com relação ao amigo, tentou se acalmar. Na manhã seguinte, ele chegou cedinho, disse que estava bem melhor. Sul ficou feliz por vê-lo, deu-lhe um beijo e o colocou a par das novidades.

No primeiro dia de ensaio os recém-contratados foram para um estúdio da própria agência, estavam muito nervosos, esperando o diretor artístico chegar. Ensaíram por três semanas, a primeira apresentação estava próxima, seria em um canal de televisão muito famoso.

Finalmente, chegou o grande dia, todos no camarim esperavam a hora da apresentação. Um último retoque na maquiagem, em seguida ouviram a chamada: “Amigos, uma nova atração para vocês, a Banda Vida”!

Todos entram sorrindo, mas visivelmente nervosos. São apresentados à plateia, começando pela vocalista:

— Vocalista Sueli Maria, a Sul; baterista Ney; guitarrista Santos e o pianista Miranda.

Foram aplaudidos calorosamente e a apresentação foi um sucesso. Muita alegria na volta para casa, com todos animados, falando da emoção daquela primeira atuação como profissionais.

Ao chegar ao apartamento, Sul teve uma grande surpresa: encontrou Rogério aos beijos com um garoto, descobriu que ele era *gay*.

Foi uma grande decepção, mas não fez alarde, foi suficientemente adulta e, sem dizer uma palavra, pegou sua mala e saiu. Se Rogério fez sua escolha, então que fosse feliz.



Três anos se passaram, a banda não existia mais, porém nada poderia deter o talento da paraibana que veio encarar a grande São Paulo. Começou a trabalhar em uma casa noturna em Moema. Foi uma surpresa encontrar Carlos Antônio, que também frequentava aquele lugar. O dono da C.A. Produções estava legalmente separado da esposa há seis meses.

Antônio e Sul estavam em uma fase especial da vida e foram surpresos por uma magia inexplicável. Entre *glamour*, desamor, abandono e traição, seus olhares se encontraram.

Dois seres envolvidos com as mesmas emoções. Brota entre eles algo além de sexo, um romance avassalador. Ambos apaixonados e talentosos, tinham tudo para dar certo.

Carlos Antônio consegue muitos *shows* para sua amada e, com o tempo, além da paixão, do ciúme, do sucesso e muito dinheiro, vieram as drogas, foi o que resumiu a vida deles. A artista estava em primeiro lugar nas paradas de sucesso, nas rádios e programas de televisão, com a música que fizera para seu amado Antônio: “Meu grande amor”.

Janeiro de 2019, o Estádio de Curitiba, Major Antônio Couto Pereira, estava lotado à espera da deslumbrante Sul. Todos gritavam, em uníssono: “Sul, Sul”!

De repente, ela entra, sem o apresentador a anunciar, deixando seus fãs mais enlouquecidos aos gritos de “Sul, Sul”! “Eu te amo!” “Você é linda!”

Entre esses calorosos fãs estava Edgar, que acompanhou a carreira dela desde sua primeira

apresentação no programa de TV. Muito apaixonado, tinha fotos dela espalhada por todo o quarto, até debaixo do seu travesseiro, nunca negou para ninguém que um dia a teria consigo. E o dia seria o daquele *show*.

Depois da primeira parte, Sul volta e canta a música que fez para seu grande amor. Sem que os seguranças percebessem, Edgar sobe ao palco e chega perto dela, que sorri, deixando-o mais encantado. Edgar, tomando coragem, abraça e beija a cantora.

Os seguranças rapidamente agarram o rapaz e o retiram do palco. Foi uma situação muito desagradável. Acaba o *show* e Sul vai para seu camarim. Sozinha, fecha os olhos e relaxa.

Juliana, a guitarrista da banda, chega ao camarim pouco tempo depois e fica apavorada, encontra Sul sem vida, ela havia recebido um tiro. Estava morta a intérprete mais famosa do momento!

Embora nada mais pudesse ser feito, para evitar a comoção e o desespero dos fãs, não deram a notícia da morte. Anunciaram que ela teve um mal-estar. Para parecer verdade, chamaram uma ambulância para retirar o corpo dali.

Mas seu espírito não conseguia compreender o que se passava. Ao ver seu próprio corpo inerte sobre a mesa do necrotério sua visão foi sumindo devagar, como que perdendo a consciência, até não perceber mais nada.

Na hora do enterro, com seu espírito ainda agarrado ao corpo, sentiu seu corpo apertado, estava em um compartimento muito pequeno e, de novo, houve gritaria e choro. Em dado momento, percebeu

que estava sendo colocada em um lugar estranho que, pelo cheiro de terra, parecia ser uma sepultura. Então perguntou a si mesma:

— Eu estou morta? Não entendo, como pode ser? Foi tão rápido! Lembro-me que adormeci no camarim e agora estou aqui.

Em seu esquife, quase sem respiração, tentou gritar, mexer-se, mas não conseguiu. Choro e gritos de despedida. logo, tudo silenciou.

Sul se recorda do fã que a beijou, da ida ao camarim, um tiro. o que houve? Ela estava sendo enterrada. Precisava sair dali! Gritava muito, pedindo para que a tirasse daquele lugar... que Antônio a ajudasse...

Mas seu sepultamento foi consumado.

Quando todos foram embora, Antônio aproximou-se do túmulo da sua amada e desabou em lágrimas. Sul o escutava, ela gritava, inutilmente:

— Meu amor, me tira daqui, por favor, tem algo errado, eu estou viva. — silêncio. ela perde os sentidos.

Sul acorda em um lugar horrível, escuro e lamacento. Via, pessoas terrivelmente deformadas, gritando e gemendo. Ao seu lado, um homem alto a cumprimenta:

— Como vai, Sueli Maria?

— Você é o segurança que estava no camarim?  
— pergunta ela, pois aquela era a última imagem que teve antes de morrer.

— Não. Sou Ronaldo, seu mentor. Chegou o momento de sair daqui, desse sofrimento. Desde que chegou, após morrer fisicamente há quatro anos, seu choro e clamor foram ouvidos.

— Aqui é o inferno, disse Sul?

— Não, É uma parte do umbral, lugar onde ficam aqueles que, apesar de não terem cometido atos horríveis, também nada fizeram em vida para que merecessem bom tratamento. O que é o seu caso, você precisava passar por isso. Nunca teve empatia nem fez algo grandioso por alguém. Muito egoísta. Mas, pela misericórdia divina, terá um bom tratamento. Você está saindo do umbral e indo para um hospital para se tratar e curar esse ferimento.

Lá chegando, Sul encontra um amigo da escola, Severino, um cadeirante. Ela nunca ajudou aquele rapaz em nada, mesmo sabendo de suas dificuldades para se locomover. Quando um carro em alta velocidade bateu na sua cadeira de rodas, ela nem sequer se comoveu. Friamente, pensou ser a morte um alívio para o sofrimento dele.

Mas Severino, transformado, feliz, livre da invalidez, acompanharia e ajudaria. Sueli Maria até ela se recuperar, aceitar sua nova condição e se preparar para os desígnios de Deus, para uma reencarnação ou não.

Sueli, no hospital espiritual, com os olhos entreabertos, mas com muito sono, vê um homem entrando no seu camarim com uma arma na mão. Este homem era o segurança. O espírito de Sul começa a visualizar os fatos ocorridos naquele fatídico dia, dentro do camarim. Segurança a beija na boca e diz:

— Você é meu grande amor, mas me traiu hoje com aquele asqueroso do Edgar.

— O que você está falando? Eu nunca me insinuei para você, sempre mantive o respeito.

Essas foram as últimas palavras da bela moça. O inconsequente rapaz dispara apenas um tiro na cabeça de Sul.

Investigadores estão à procura do tal assassino, mas ninguém sabe o seu paradeiro. Um corpo com as características do rapaz foi encontrado no rio Tietê, mas ninguém tem certeza se é o do segurança.

## *JOHN*

Era o ano de 1980, a inflação estava sufocante. As empresas fechando suas portas e, em consequência disso tudo, muitas pessoas desempregadas. Era muito difícil conter a criminalidade. Os presídios lotados. Entre muitos crimes hediondos, surgiu um assassino em série que só matava pessoas idosas de alta classe social.

Em agosto, chega ao Brasil o casal Oliver, um americano casado com uma brasileira, e seus filhos, o casal de gêmeos John e Mary.

Os filhos se formaram em Direito Penal pela Universidade Federal de São Paulo. Mary se tornou professora e dona de casa. John concluiu sua pós-graduação em São Paulo. Apaixonado por crimes, queria se tornar um investigador forense. Voltou para sua cidade natal, Oxford, e lá continuou seus estudos.

Durante o curso, um professor observou a capacidade de John para desvendar mistérios. Ao se formar, foi convidado para fazer um estágio no FBI. Ficou surpreso, mas aceitou o convite.

No começo, teve um pouco de receio quanto aos colegas, mas todos lhe trataram com muito respeito

Steve, o chefe do setor, causava temor em todos os seus subordinados. Muito duro, foi enquadrando John com uma série de perguntas bem embaraçosas. Por ser a primeira vez que conversavam, ficou um pouco nervoso. Após a entrevista, Steve agradeceu e o dispensou. O aspirante a investigador ficou muito preocupado, no meu primeiro dia já fui despedido? O que John não sabia era que toda aquela dureza fazia parte de um teste.

Pouco depois de chegar a casa, o telefone tocou, era a secretária do chefe. Dona de uma voz doce e suave, perguntou em qual departamento ele queria trabalhar. O xerife lhe deu liberdade para escolher. Respondeu sem pensar: “quero trabalhar em campo”. Sarah, a dona daquela doce voz, ficou surpresa:

— Você ainda não tem experiência. Não seria melhor ficar um tempo no Setor. Administrativo?

— Tenho capacidade para entender toda a trajetória desse trabalho. — John respondeu.

— Você vai trabalhar com psicopatas, criminosos. tem certeza de que é isso que você quer? — Sarah tentou convencê-lo.

— Sim, tenho certeza.

— *Ok*, vou colocá-lo na escala do fim de semana.

Sarah fez uma escala com alguns profissionais de muito conhecimento, para que ele pudesse ter um bom aproveitamento.

John acabou trabalhando por dez anos em campo. Todos os profissionais considerados bons queriam trabalhar com ele.

De volta ao Brasil e com bom conhecimento, não teve dificuldades para ingressar nos quadros da Polícia Federal. Estava com quarenta e cinco anos de idade e era solteiro, pois ainda não tinha arranjado sua cara metade. Ele era *gay*. A vida de um homossexual no Brasil é complicada.

Foi morar na casa de seus pais, mas por pouco tempo, só até conseguir um apartamento.

Depois de se mudar para um apartamento, conheceu a serviçal Anastácia Cosme, que estava

procurando um emprego. Fez algumas perguntas, que ela respondeu prontamente. Foi contratada.

Certo dia, volta do trabalho e encontra Anastácia muito chorosa. Questionada, ela disse ter um filho casado, ao qual nunca pôde dar atenção, e fazia muito tempo que não o via. Estava com muita saudade.

— O pai dele foi meu patrão.

Curioso, John perguntou quem era o seu antigo patrão.

— Senhor Joaquim. Ele foi assassinado e a família me despediu, por isso estou trabalhando aqui.

— Não entendi, Anastácia, explique melhor.

— Com 20 anos, eu tive um caso com o Senhor Joaquim, dono de padarias.

— O português dono de quase todas as padarias e mercados dos Jardins? — perguntou John, espantado.

— Sim, eu tenho um filho com ele, mas ninguém sabe.

— O que seu filho faz?

— Ele disse que trabalha com eventos em um navio e sempre vai para lugares diferentes. Não sei como isso funciona. — respondeu, ainda chorosa.

John ficou desconfiado daquela história.

— Anastácia, quer que eu o procure para você? — perguntou.

Anastácia, radiante de alegria, disse que ficaria muito feliz em saber o que seu filho estava fazendo e por onde andava.



— Então me aguarde. Qual é o nome do seu filho?

— Antônio Cosme. — respondeu sorrindo.

John chega à sede onde trabalha, chama um dos investigadores e lhe dá o nome de Antônio Cosme, para que fizesse uma investigação.

O investigador Mauro diz:

— Este homem trabalha aqui e tem ficha limpa.

Mesmo assim, John pediu para ver a documentação de Antônio Cosme. Tudo estava em ordem, o rapaz fora aprovado em concurso público para investigador.

Mauro, que era um investigador corrupto, perguntou para John por que tanto interesse em Antônio Cosme.

— A mãe dele é minha empregada.

— Entendo. Posso ajudar em algo mais?

— Não, obrigado.

John, intrigado com a reação de Mauro, começou a observar os navios em que Antônio trabalhava fazendo investigação, embora, segundo sua mãe, ele fizesse eventos.

Alguns meses depois, John viu uma reportagem na TV sobre a morte brutal de um senhor português, com as mesmas características do assassinato do senhor Joaquim. Ligou para a alfândega e pediu que o chefe-geral dos alfandegários lhe enviasse todos os relatórios relacionados ao trabalho de Antônio Cosme. Ele queria saber como localizar seus contatos. O nome de Antônio

não estava na lista de saída, pois ia fazer outro tipo de trabalho. John ficou atento.

Janeiro de 2017, Antônio Cosme e Mauro saíram em um barco, às três horas da manhã, e seguiram uma rota que não era de trabalho. Foi tudo notificado. John ficou muito tenso com o que estava ocorrendo. Cresceu no Brasil, conhecia muitos “jeitinhos”, mas estava há mais de dez anos trabalhando fora. Pensou em como faria para pegar os dois.

John não podia se expor, descobriu que alguns investigadores que trabalhavam naquele departamento eram corruptos. Ele estava lidando com pessoas muito perigosas, bandidos trajados de funcionários públicos federais. Resolveu pedir ajuda para a irmã, que conhecia muita gente aqui no Brasil.

— Em que posso ajudar, irmão?

— Mary, preciso que selecione alguns detetives particulares para mim.

— Pode me dizer por que devo fazer essa seleção? — a irmã ficou curiosa.

— No momento não! Apenas faça, se puder.

— Sim. — respondeu Mary.

Alguns dias depois, Mary liga para o irmão e diz que tudo estava pronto. Em seguida, enviou-lhe uma lista com nomes e telefones de dez detetives particulares, todos com experiência e sem ficha na polícia.

John destinou os detetives para lugares estratégicos e pediu que fosse investigado tudo a respeito de Antônio Cosme e Mauro Arujá.

Passaram-se alguns dias, Antônio e Mauro voltaram daquela viagem, que ninguém sabe para onde

foram e não deram nenhuma satisfação. Irritado, John segurou a raiva e se fingiu de esquecido. Logo, começaram a chegar os relatórios dos detetives particulares. John avaliava cada um deles.

Primeiro relatório: Dizia que Mauro era casado, pai de três filhos, mas tinha uma vida dupla com amantes e, entre as e os amantes, Antônio Cosme figurava no quadro das grandes emoções. A esposa dele não trabalhava, só cuidava dos filhos. Mauro ficava de trinta a quarenta dias fora de casa. Ela não desconfiava de nada, pois sabia que seu trabalho de investigador exigia que ele viajasse em cruzeiros para investigações criminais. Ele sempre contava histórias de pessoas que apareciam mortas nos conveses, contrabando, drogas a bordo e outros delitos. Sua esposa ia, de vez em quando, ao Garitão, casa de danças na Alameda Ribeiro da Silva, na Barra Funda.

Segundo relatório: Dizia que Antônio Cosme tinha uma namorada de “fachada”, que trabalhava em uma boate cujo nome era noite *de Amor*. Não foi comprovado se ela tinha participação nas atividades de Antônio.

Terceiro relatório: Informou que Anastácia sabia de tudo o que seu filho fazia. Que ela nunca havia sido vítima de nada. Preocupada em dar uma vida digna para o filho. Mandou-o embora de casa. Durante todo o tempo em que Antônio morou com ela na casa do Sr. Joaquim, desconfiou que este era seu pai. Que naquela época era frequentemente surrado por eles. Muito revoltado, questionou a mãe sobre a paternidade, ela dizia que era virgem e fora estuprada em um final de semana, quando visitava a família, que morava na Zona Leste. Durante a adolescência, Antônio adquiriu certos hábitos e não queria saber da mãe. Não tinha respeito nem carinho por ela.

Quarto relatório: Informou que Mauro e Antônio Cosme eram velhos conhecidos na Cracolândia, onde vendiam drogas. Eram excelentes nesse ramo e tinham conhecimento de todas as rotas. Os dois na faixa dos quarenta anos de idade, tinham um QI muito alto e nunca haviam sido presos. Conseguiram passar no concurso público para investigador da Polícia Federal com certificados de escolaridade falsos. Logo após tornarem-se funcionários públicos federais, provocaram a morte de um grande traficante colombiano e a polícia de São Paulo nunca descobriu quem fizera tal façanha. Juntos, formavam uma dupla implacável. Antônio Cosme fizera um curso de eletricidade por correspondência e Mauro aprendeu algumas fórmulas químicas com um químico com quem teve um caso.

Quinto relatório: Apontou que os dois tinham muita influência na comunidade de Heliópolis. Grande parte dos moradores se curvava para eles e acobertavam tudo o que era feito quando se tratava de tráfico. Uma suposta namorada de Antônio Cosme informou que ele era bastante sensual, andava muito bem-vestido e o perfume que ele usava era caro. Pagava seu aluguel, então, para ela, não importava o que ele fazia, era um bom homem.

Sexto relatório: Informou que nas contas telefônicas de Antônio Cosme e Mauro não constavam registros de números internacionais. Embora Antônio Cosme tenha viajado para o Chile, Colômbia e Argentina, não foi possível descobrir o que fez lá, pois os números dos telefones foram desligados.

Sétimo relatório: Informou que na Cracolândia, quando se falava o nome de Antônio Cosme, todos “perdiam a voz”, pois ele era muito poderoso e tinham muito medo dele.

Oitavo relatório: Informou que não adiantava ir a uma delegacia para investigar os dois meliantes, pois causavam o terror. Nem mesmo os delegados identificavam alguma façanha sobre eles.

Nono relatório: Apontou que alguns policiais sabiam muito sobre Antônio Cosme e Mauro, mas estavam mancomunados com eles. Alguns até, com muito medo, davam cobertura para eles agirem. Um policial disse, anonimamente, que em certa madrugada eles foram ao encontro de uns camaradas que tinham informações sobre John. Com certeza eles já sabiam que John conhecia o passado deles e iriam fazer uma emboscada.

Décimo relatório: Continha o depoimento da mulher que tivera um caso com Antônio e Mauro e havia participado de uma noitada com os dois. Ela relatou algo muito comprometedor: que na noite da orgia eles beberam demais e Antônio, passando muito mal, falou, com uma risada bem debochada: Pessoal, eu não posso morrer agora. Tenho que usufruir da casa de praia que comprei da viúva do Joaquim.

Depois de ler todos os relatórios, John foi almoçar em casa. Lá, estabeleceu uma conversa franca com Anastácia, fez perguntas referentes aos seus impostos de renda e predial. Ele viu uma inquietação nos olhos da empregada quando ela respondeu:

— Eu não tenho esses impostos. Sou apenas uma serviçal, o senhor sabe que ganho pouco, mal dá para manter meu barraco.

— Onde, você mora? — perguntou John.

— Por que o senhor está me fazendo essas perguntas?

— Eu preciso saber quem são você e seu filho. Quero saber toda a verdade.

— Somos pessoas simples, meu filho trabalha com eventos para ajudar nas compras do mês. Mesmo assim, faz tempo que desapareceu e estou preocupada com ele.

John, sabendo que ela ficaria insistindo naquela farsa, encerrou a conversa.

Assim que ele sai, Anastácia, em pânico, liga para o filho e o informa sobre a conversa com o patrão:

— Meu disfarce foi descoberto. Oh, meu Deus!

John verificou em cartórios e bancos para descobrir possíveis contas bancárias e registros imobiliários. A descoberta foi surpreendente, não quis acreditar quando lhe entregaram as informações solicitadas. Com toda sua experiência quase foi ludibriado por Anastácia.

Mãe e filho roubaram o português por muitos anos e depois o mataram. Anastácia continuou naquela vida de empregada, pois não poderia ser descoberta pelas pessoas que a conheciam. Como uma empregada, do nada, podia ter tanto dinheiro e riqueza? Nem declaração de imposto de renda ela apresentava. A mulher tinha uma empresa situada na Avenida Nazaré, que vendia todos os tipos de temperos e azeites de alta qualidade, mas a firma estava no nome de outra pessoa, um “laranja”. O filho, Antônio Cosme, junto com o amante, Mauro, traficavam cocaína e lavavam o dinheiro com a mãe.

John chegou cedo ao escritório, pediu para sua secretária chamar todos os investigadores e o escrivão para uma reunião. O que eles não sabiam era que policiais federais não corruptos também estavam ali para

prender Antônio Cosme e Mauro. Quando começou a reunião, John cumprimentou todos os presentes e disse:

— Temos uma surpresa — e pediu para que os policiais entrassem.

Quando Antônio Cosme e Mauro viram Anastácia entrar algemada tentaram correr, mas já era tarde demais. Fim da farsa e de assassinatos de longas datas.

## *CEMITÉRIO*

Cemitério da Luz, localizado em uma cidade do interior do Ceará. O lugar era um belo pomar, cheio de pés de laranjas e mangas, muitos lírios e rosas vermelhas. Deveria ser um local de paz, agradável. Mas não era.

Em janeiro de 1958, o coveiro João faleceu. Seu lugar foi ocupado por Gabriel, o novo coveiro, um homem jovem, de apenas vinte anos, gentil, agradável e pacato. Moraria na mesma casa em que o falecido habitou. O seu maior sonho era um dia ter uma esposa para lhe fazer companhia. Também tinha uma paixão: cultivar flores e árvores frutíferas. Ali seria o lugar certo para isso.

Sentia muita vontade de comer as frutas existentes no cemitério, mas como o adubo vinha das catacumbas, não era certa a fazer.

O tempo foi passando, Gabriel já tinha adquirido muita experiência como coveiro. Porém, sua solidão era imensurável, não se contentava apenas com aquela rotina de trabalho, queria uma vida afetiva.

A insônia lhe perseguia, quando o sono custava a chegar, ele passeava entre os túmulos, era um tipo de monitoramento gratuito que fazia.

Na primavera de 1962, Gabriel estava muito melancólico, a solidão tomou conta do seu ser. Sua autoestima estava muito baixa, o pobre rapaz estava arrasado.

Certa vez, levantou-se da rede onde descansava e foi até a janela para tomar um ar fresco. Ali, ouviu um som que não conseguiu identificar de onde vinha, se do



lado norte ou sul do cemitério. Imaginou que estivesse sendo traído por sua imaginação.

Um vento forte e sinistro soprou-lhe o rosto. Era normal esse evento, não era a primeira vez que aquilo acontecia. Mas dessa vez foi diferente.

Gabriel resolveu verificar se havia alguma empecilhos entre os túmulos. Estava tudo certo, na mesma calma de sempre. Porém, repentinamente, alguns escorpiões começaram a aparecer. Eram grandes, assustariam qualquer pessoa, mas Gabriel não se intimidou. Apesar de nunca ter visto escorpiões por ali, tudo tem a primeira vez.

Porém, o pior estava por vir.

Em um túmulo já esquecido pelo tempo, ele observou algo diferente. Ouviu um som, era como se um animal ou uma pessoa estivesse tentando chamar a atenção de quem estivesse passando pelo local, necessitava de ajuda, pensou o coveiro

Formou-se um grande vendaval, apesar de não haver nuvens escuras no céu para uma possível tempestade. Era um vento forte, que levantou muita poeira. Em questão de segundos, novamente a calmaria, tudo voltou ao normal.

O coveiro, sem entender nada daquilo, tratou de sair dali. Quando chegou à sua moradia estava trancada, bem como a janela. Tentou abrir a porta, mas observou alguém dentro da casa, impedindo que abrisse. Gabriel, nervoso, pediu em nome de Deus que quem estivesse dentro da casa sáísse. Ouviu uma voz feminina. O rapaz perguntou quem era: sou eu! Fruto da sua imaginação, foi a resposta.

Tudo aquilo era assustador demais. A porta foi se abrindo lentamente, mas não viu ninguém saindo.

Desconfiado, mas também exausto, entrou e foi dormir. Depois de um sono profundo. Acordou sobressaltado, ouvindo gritar seu nome na porta da casa. Eram onze horas da manhã e pessoas, nervosas, precisaram sepultar seus entes queridos. Pediu desculpas e deu continuidade à sua rotina: sepultar pessoas.

Enquanto Gabriel preparava o túmulo, lembrava-se de tudo o que viveu na noite anterior. Durante o sono, ao seu lado estava uma bela e exótica mulher, cuja força e dominação o impediam de se mexer. Um hálito quente envolveu seu corpo e, naquele momento, tudo era real. fantasma ou não, teve ao seu lado uma calorosa e estonteante criatura, uma deusa do Olimpo, idealizada por ele durante um ano. A noite foi intensa, sentiu suas energias serem sugadas. Ao acordar, desejou um outro encontro e muito mais.

## ***O FAZENDEIRO***

Em 1973, no Agreste Pernambucano, um homem humilde procura trabalho. Sem saber ler e escrever, o que lhe restava era trabalhar na lavoura de fazendeiros da região. João Raimundo já não tinha a mesma desenvoltura para enfrentar um trabalho pesado. Cansado, faminto e sem lugar para morar, procurava uma forma de ganhar seu sustento.

José Severino é um fazendeiro bem-sucedido. Sempre acolhe trabalhadores com mais idade. João bate à sua porta e pede-lhe um trabalho. Bem-intencionado, o homem lhe dá uma oportunidade. Mas, sem saber, acabava de se meter em uma enrascada, pois João tinha um segredo muito bem guardado.

No primeiro dia de trabalho João foi chamado para conversar com Firmino, o capataz, para receber as informações sobre suas tarefas. Ao passar pela varanda da bela fazenda, sentiu um aroma muito gostoso de perfume.

João trabalhava como vigia noturno. Conseguiu um emprego, e um pequeno quarto para morar, estava muito feliz.

Três meses se passaram. José estava muito contente com o desempenho do novo empregado. Em uma sexta-feira, João viu o patrão sair sozinho. Ele sempre saía acompanhado pela esposa, mas naquele dia não a levou. Do seu quartinho dava para visualizar toda a lateral da casa, onde ficavam os dormitórios. João viu luzes acesas num dos quartos e pôde ouvir uma voz de homem, sussurrando.

João Raimundo ficou sabendo, através dos amigos de outras fazendas, que seu patrão tinha uma vida dupla, mantinha encontros amorosos com uma serviçal da fazenda vizinha. Marido e esposa tinham vidas secretas.

Olívia é a segunda esposa de José Severino. Vinte e cinco anos mais nova, alta e magra, é muito linda, porém os comentários na cidade a respeito dela não eram dos melhores. Diziam que Olívia, então arrumadeira da casa, havia envenenado a patroa. O fazendeiro tem dois filhos casados que moram em São Paulo. Após a morte suspeita da esposa, casou-se com a moça.

Depois de um ano que João trabalhava na fazenda, certo dia o capataz falou ao patrão algo macabro a respeito dele. Meses depois, em uma quinta-feira, o capataz observou que o vigia não estava no seu posto de trabalho após à meia-noite. Foi até o quarto de João e viu um grande cachorro, muito peludo, deitado na cama. Achou muito estranho, mas não comentou nada com ele. Ouvindo o relato, o fazendeiro mandou que ele passasse a observar o empregado.

Vigia o viu saindo do quarto do patrão, precisava tirá-lo do seu caminho. Na semana seguinte haveria lua cheia, uma semana propícia para eventos relacionados ao lobisomem. Firmino não baixou a guarda. Na mudança de fase da lua, de crescente para cheia, ele ficou bem atento. Em uma quarta-feira, à meia-noite, João saiu do seu posto apresentando um mal-estar. Fez menção de ir ao seu aposento.

Ao amanhecer, José Severino foi ao quarto do vigia e, no caminho, visualizou galinhas e porcos mortos. Surpreso, indagou-se por que aquela criatura o deixou vivo. Foi ao povoado colher informação sobre o vigia.

Ficou desnorteado ao saber a origem daquele homem. O vigia era seu irmão bastardo. Seu pai tivera um romance com uma serviçal. Ele sempre pensou que fosse filho único, foi uma surpresa e tanto saber que tinha um irmão.

Ao retornar para casa, procurou seu suposto irmão para uma conversa. Foi ao pequeno quarto que João ocupava, mas lá não se encontrava nem vestígio do pobre homem para quem, um dia, dera uma oportunidade de sobrevivência.

José Severino lembrou-se da infância solitária. Seu coração se entristeceu ao pensar no sofrimento daquele homem. Os dois poderiam ter desfrutado muitos momentos juntos.

## ***FAZENDA ALVORECER***

Eu sou Juliana. O que eu mais gosto de fazer na vida é viajar. Para mim, fazer turismo é como uma terapia, me sinto empoderada, dona do meu ser e da minha alma.

Em novembro de 2021, vi em uma de minhas redes sociais um anúncio sobre viagens de fim de ano. Curiosa, e querendo me inteirar do assunto, liguei para o número de celular que constava no referido *post*. Do outro lado da linha, uma voz de quem parecia sorrir com toda a felicidade do mundo me atendeu muito bem. Indaguei sobre todos os aspectos daquele anúncio.

Karen apresentou-se:

— Sou responsável por esse evento. Quero informá-la que sou guia turística em toda a América do Sul.

Perguntei onde ficava a Fazenda Alvorecer.

Karen desculpou-se pela pergunta, onde eu tinha visto o anúncio, mas não disse onde ficava a tal fazenda. Respondi que vi em uma rede social e pedi todas as informações. Ela, passou a relatar:

— A fazenda tem 44 mil hectares, uma vasta plantação com pés de caqui, pinha e muitas outras frutas. Temos também cavalos, aves, uma cachoeira, restaurante e cinco piscinas. Uma grande áreas de lazer bem floridas, salão de festas e boa comida. O ônibus sai do Terminal Turístico Barra Funda às 23h30, com previsão de chegada à fazenda às 7h30.

Fiquei impressionada com tudo que ouvi e perguntei quanto ao custo do passeio:

— São trezentos reais, com almoço e lanche da tarde inclusos. Caso tenha aniversariante na viagem, também oferecemos um bolo de aniversário gratuitamente. A Fazenda Alvorecer oferece um Natal especial todos os anos. Vocês vão adorar, é maravilhoso.

— Querida, você se esqueceu de me dizer em qual cidade está localizada essa fazenda.

— Desculpe, fica em Monte Seco, interior de Minas Gerais.

Às 7h45 chegamos ao nosso destino. Eu estava dormindo, acordei com a guia me chamando. Abri os olhos e lá estava, bem na minha frente, uma bela casa estilo campestre que encheu meus olhos de tanta beleza.

Descemos da *van* e nos dirigimos à recepção. Após os trâmites de praxe, fomos liberados e, a partir daí, cada um por si. Não precisávamos nos preocupar com mais nada, havia colaboradores por toda a fazenda para nos auxiliarem, caso fosse necessário.

A Fazenda Alvorecer era grande e muito bonita. Como gosto de andar sozinha, comecei a caminhar e apreciar tudo que via: belos cavalos, pássaros e aves, um jardim deslumbrante com muitas flores silvestres e ipês floridos, grandes piscinas. Era um lugar encantador, aquela beleza me deixou deslumbrada.

Fui apreciar os casais dançando alegremente. Porém, algo parecia estar errado, ou eu que não estava bem. Os casais mudavam de forma, ora estavam transparentes, ora estavam normais. Pensando estar

com problemas, afastei-me e sentei-me a uma mesa, de onde eu podia observar todas as pessoas que estavam dançando. Ao me virar para o salão, não quis acreditar no que eu estava vendo: as pessoas pareciam zumbis!

Nesse instante eu senti a mão de alguém em meu ombro direito. Tentei me virar para ver de quem era aquela mão, mas algo me apertava com muita força, empurrando meu rosto contra a mesa. Era uma dor insuportável, eu não queria acreditar que aquilo estava acontecendo, era assustador, uma pressão imensa na minha cabeça. Mas o problema não era eu.

Ao meio-dia, aproximou-se de mim uma senhora que embarcou comigo, na Barra Funda. Perguntou se eu estava percebendo as transformações.

Fiquei preocupada, até então eu pensava que era eu que estava com problemas. Respondi que não tinha visto nada. Então ela disse:

— As únicas pessoas vivas neste passeio somos nós.

Eu dei risada e perguntei seu nome.

— Meu nome é Glória. — disse.

Ainda rindo, questionei:

— Somos as únicas vivas? E aquelas pessoas que estão dançando, estão todas mortas?

— Sim, estão. Vou lhe contar uma história, veja que as roupas das pessoas são iguais e brancas, de sarja, você não observou?

Achei aquela senhora muito louca. Mas continuei a ouvi-la:



— O dono desta fazenda fez um pacto com entidades. Ambicioso, ele queria muito mais do que tinha. As entidades lhe pediram sangue de trinta e três casais para que ele conseguisse mais riqueza. Nas vésperas do Natal, à meia-noite, o Sr. Olegário sacrificava alguns convidados e os oferecia como um banquete para todos os outros presentes, que não sabiam que aquela maravilhosa comida era gente cozida.

— E daí? — questionei, com cara de quem estava duvidando daquela história.

— Veja, quantos casais estão dançando?

— Trinta e três casais — respondi, após contar rapidamente.

Olhamo-nos espantadas e falamos, em uma só voz:

— Vamos embora!

Sáímos à procura da *van*, onde ela estava? A *van* não existia. A bela casa de estilo campestre era um cemitério abandonado, repleto de cruces e túmulos malcuidados cercados de arbustos.

Depois de tudo que vimos, precisávamos descobrir o caminho de volta e sair dali. Caso contrário, seríamos sacrificadas! Aquilo não podia acontecer comigo.

— Glória, quando o Diabo quer sacrifício, ele faz prodígios. Vamos sair correndo daqui!

Comecei a gritar. Quanto mais eu gritava, mais eu via os túmulos se abrindo e, de lá, saíam aquelas

peças que estavam dançando no salão. Eram os mortos caminhando em nossa direção. Era horripilante! Fechei os olhos para não ver aquilo.

Sentir novamente aquela mão tocando na minha cabeça. Quando abri os olhos vi que uma enfermeira estava colocando-me em uma maca.

— Você caiu na escada rolante do Terminal Barra funda. Mas fica tranquila, teve sorte, vai ficar bem.

Eu não acreditei no que estava ouvindo. Fui colocada na ambulância e, quando fecho meus olhos para descansar, vejo novamente aqueles túmulos se abrindo. A sensação era de horror.

Contudo, não me lembro de ter escorregado e caído.

## ***TESTOSTERONA***

Em 2008, alunos que cursavam a 3.<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental saíram da classe para o lanche das nove e trinta. Antes de assistirem à última aula e irem para seus lares, conversavam freneticamente nas dependências do mais antigo colégio de Manaus. Esse monumento conta com 145 anos de existência: “Colégio Dom Pedro II”.

Os dois eram bem jovens, com idade por volta dos dezessete anos. O menino entrega para a garota um pacotinho muito suspeito. Ninguém vê, exceto um professor, mas não se importa, nessa idade a testosterona fala mais alto.

Estamos falando dos estudantes, Maria Cecília e José Eduardo. No aniversário de dezoito anos de Edu, como era chamado, Cecília lhe deu a notícia de uma gravidez. Edu aceita com um sorriso de felicidade, ele foi o primeiro homem de sua índia, era assim que ele a chamava: minha índia, meu amor. A família, principalmente a mãe do rapaz, não aceitava aquela relação.

Os dois tomaram a decisão de ir embora de Manaus. Não foi difícil, depois de menos de um mês já estavam chegando a São Paulo. Mas Cecília tinha certo receio sobre a maneira como seu namorado tinha conseguido o dinheiro para fazer todo esse trajeto.

A moça teve que ficar em repouso, sua gravidez era de alto risco. Edu logo começou a trabalhar, mas nunca disse para a esposa o que fazia. Nasceu o primeiro filho, Antônio, dois anos depois a pequena Natália. Em apenas três anos o casal já tinha casa e carro. Cecília não foi trabalhar fora. Eles não queriam que a educação dos

filhos fosse delegada a terceiros e, também, ela gostava da vida de dona de casa.

Era um sábado. O telefone tocou e Cecília imaginou que fosse seu marido, chamando-a para ir até a lanchonete do Lima para tomar uma cerveja bem gelada. Mas, nada disso, alguém do outro lado da linha perguntava por Edu.

— Ainda não chegou do trabalho. Quem está falando? — indagou Cecília.

— Não importa! — responde rispidamente o interlocutor.

— Vou desligar, meu marido está trabalhando e vai chegar tarde.

Depois de desligar o telefone, um turbilhão de pensamentos ruins veio à sua cabeça. Todos os sábados Edu chegava cedo, mas naquele dia estava atrasado. Às duas horas da manhã o telefone chama. Novamente aquela voz sinistra:

— Chame seu marido para atender essa porcaria. — gritou o homem.

— Por favor, diga-me seu nome. — pediu Cecília.

— Apenas aguarde. — disse o homem, desligando em seguida.

Edu chegou às duas e trinta da manhã. Não quis conversar, não deu atenção à esposa nem respondeu às suas perguntas. Foi dormir. Acordou às dez e quinze da manhã. Falou para Cecília que ia resolver uma situação, mas não falou nada para ela sobre que situação era aquela.

Às três horas da tarde Cecília recebeu outra ligação, esta era do hospital.

— Aqui é da Santa Casa de Misericórdia. Precisamos falar com a senhora Cecília.

— Sou eu, do que se trata?

— A senhora é a esposa de José Eduardo?

— Sim.

— Seu esposo deu entrada neste hospital já sem vida, precisamos que a senhora venha fazer a identificação para darmos prosseguimento aos trâmites legais para a liberação do corpo.

Desligando o telefone, desmanchou-se em prantos, chorou todas as lágrimas que tinha em seu ser. Depois, parou um pouco e começou a pensar nas trocas de papalotes e na viagem tão rápida quando ficou grávida. Agora sei o que ele fazia, pensou.

Cecília ficou sozinha com seus filhos durante dez anos. Apareciam algumas paqueras, mas nada sério. Em 2019, seu filho, já com dez anos, contraiu Covid-19 e ficou internado. No hospital, Cecília conheceu o motorista de táxi Sérgio, um homem descolado, inteligente, que falava muito bem e parecia ser bem-sucedido. Tudo aconteceu com muita rapidez. Em dois meses já estavam morando juntos.

Ela ficou tão entusiasmada com Sérgio que não percebeu o quanto ele era mau-caráter.

Os filhos sentiam muita falta do pai, principalmente Natália, que sempre se lembrava que ele a chamava de minha segunda paixão, a segunda índia do meu coração. Papai ama muito meus pimpolhos, dizia.

A menina, com oito anos completos, já tinha as características das adolescentes amazonenses. Acordava à noite sentindo que alguém estava mexendo com ela.

Contou para uma amiguinha da escola, um pouco mais velha, que lhe aconselhou a falar para sua mãe. Natália, com receio, resolveu se calar.

O tempo passou; os abusos ocorrendo praticamente todas as noites, ela criou coragem e contou tudo para sua mãe.

Pobre menina, não imaginava que ia levar uma grande surra.

Os abusos se intensificaram, ela então tomou a decisão de conversar com a professora, que também a orientou a contar tudo para a mãe.

— Ninguém ouve os meus apelos. — choramingou Natália.

A menina fez outra tentativa com a mãe:

— Mãe, me escute, por favor, seu namorado está me violentando todas as noites, eu preciso de sua ajuda.

Mas dessa vez Natália pagou um preço muito alto.

Cecília olhou com muita raiva para a filha, parecia que dos seus olhos saía fogo, o ódio estava estampado em seu semblante. Natália nunca vira sua mãe tão transtornada.

— Vou resolver essa situação, sua vagabunda! — Cecília mal acabou de falar e estapeou a filha, com muita raiva, marcou o rosto da criança.

Uma semana depois, Cecília teve uma conversa com o filho, Antônio, e ele concordou com os planos da mãe em relação à Natália.

Depois de algum tempo, numa tarde aprazível, quando Natália voltou da escola, Cecília chamou os

filhos e os convidou para irem comer uma *pizza*. Era o cardápio mais esperado no fim semana.

Entraram no carro e começaram a rodar. Depois de muito tempo, Natália perguntou:

— Aonde iremos, onde fica essa pizzaria?

— Logo, logo você saberá. — responde à mãe.

— Está muito longe? Estou louca para comer *pizza* de muçarela. — insistiu a garota.

Alguns minutos depois, a mãe para o carro e fala:

— Chegamos. É aqui.

— Onde? Só estou vendo um lixão!

A inocente menina nem imaginava que sua vida estava terminando.

Todos desceram do carro. Cecília começou a bater em Natália. Enquanto batia, chamava-a de vagabunda e dizia que não a deixaria estragar seu relacionamento.

— Fiquei muito tempo sozinha, agora que estou me dando bem com uma pessoa que me ama, aparece uma safadinha para concorrer comigo. — gritava a cruel mulher e, com a ajuda do filho, batia cada vez com mais violência na pobre garota.

Cecília estava com tanto ódio que pegou a filha pelas pernas, virou-a de cabeça para baixo e a jogou em um buraco que havia no lixão. Enquanto a menina pedia socorro desesperadamente, ela e o filho jogavam terra. Enterrou a filha viva!

Não fosse bastante a humilhação, tomada pela cólera, Cecília passou a dançar em cima da terra que cobria o corpo da filha. Após esses atos de loucura,

Antônio e Cecília foram para casa assistir a um filme na televisão.

Na semana seguinte, Antônio, atormentado por sentimentos confusos de remorso e medo do que poderia lhe acontecer, foi à polícia e relatou tudo o que ocorreu.

Condenados, pelo crime cometido a Natália. Antônio foi para a Fundação Casa. Cecília condenada há trinta anos de prisão.



## ***INVASOR***

No inverno de 1980, uma senhora que aparentava 39 anos de idade andava rapidamente em direção à Rua Gabriel dos Santos, destino ao seu lugar de trabalho. Seu nome: Marinete Almeida. Ela foi contratada por uma agência para prestar serviço na *Maison du Lévi*.

No decorrer da sua caminhada, Marinete viu, em uma banca de jornal, uma reportagem em destaque que lhe chamou a atenção, leu a manchete, mas não deu muita importância.

Ninguém sabe muito a respeito da *Maison du Lévi*, da proprietária e, muito menos de Molière, um excêntrico francês poliglota. Dizem que ele é um morto-vivo. A casa foi a primeira a ser construída naquela rua. Sobre a família, pouco se sabe, há apenas uma referência ao ano de 1915, no século XX. Especula-se que deve ter sido uma família invasora que entrou no Brasil pelo Maranhão e Rio de Janeiro, nomes dos verdadeiros donos desconhecido.

Júlia estava bem além de sua época. Não era o tipo que obedecia aos pais e sempre fazia o que queria. Seus pais, senhor e senhora Oliveira, não conseguiam detê-la, e essa era uma das suas maiores preocupações. São Paulo, uma cidade um tanto reclusa em seus limites, com uma vida cotidiana pacata e provinciana. Era o que a bela ouve detestava, ela queria sair do casulo que a prendia. Com apenas vinte anos de idade conheceu Molière, foi amor à primeira vista. Não se incomodava com as conversas a seu respeito, mesmo porque

ninguém se atreveria a falar mal de uma moça bem-criada.

Depois de alguns encontros, Molière percebeu que estava gostando muito daquela bela jovem, observou que ela era dotada de uma inteligência inigualável. Começou, inseri-la no seu cotidiano. Júlia não tinha entendimento em relação a algumas coisas que ele fazia; dizia que era escritor e que dominava muitos idiomas, depois dizia que era alquimista. Todas essas informações deixavam a bela garota muito perturbada.

Júlia pensou em como faria para entrar de vez no mundo daquele homem tão peculiar e sedutor, mas tinha medo. O que ele lhe contava, nem sempre era fácil de entender. Tinha hábitos esquisitos, ao mesmo tempo, era um homem fino, educado, mas muito vazio.

Certo dia, muito chuvoso e frio, Júlia foi até a parte lateral esquerda da sua casa e, por trás dos pés de papoula vermelha, pôde visualizar a mansão de Molière. Curiosidade mata. Como vivia o tal francês, lhe interessava.

Sentiu-se instigada a lhe fazer uma visita surpresa. E fez! Foi até propriedade pela parte dos fundos, a entrada dos empregados. Júlia conseguiu olhar dentro da casa e viu um esquife bem grande, na sala. Ficou impressionada, sentiu uma presença atrás dela, parecia que uma assombração a espreitava. Com medo, fechou os olhos por alguns segundos e quando os abriu não viu nada. Respirou fundo, criou coragem e olhou para o lugar onde se encontrava o esquife. Agora, porém, naquela grande sala havia apenas alguns móveis estilo Luís XV e da Época Vitoriana. Uma mesa redonda,

coberta com uma toalha branca, as pernas da mesa estavam cobertas, um contraste entre o brilho do sol e a noite sem lua.

No dia seguinte, ao acordar, Júlia não se sentia bem, algo muito estranho. Teve a impressão de que havia alguém em seu quarto, a observando. Alguém acariciou seus cabelos, virou-se para vê quem era, não viu ninguém. Depois daquele dia, muitas coisas horripilantes começaram a acontecer. Em uma noite de sexta-feira sonhou que estava no Largo do Anhangabaú, com Molière, e os dois subjugaram uma pobre serviçal, sacrificaram-na e beberam seu sangue. Durante esse ato esdrúxulo, Júlia sentiu um calor que saía de seu corpo, calor que nunca sentira antes. Seu companheiro, então, se deliciou com a reação daquela que já fez parte de sua vida.

Molière precisava fazê-la entender que os dois estavam no mesmo plano do passado. Um homem sábio, que já vivera vários séculos, não ia deixar de pôr em prática suas estratégias. A primeira delas já foi feita: Júlia sonhou com o que já vivera antes. Ela precisa voltar ao passado e acordar. Não desistirei! Ganhei várias guerras, destruí muitos sonhos, é apenas uma questão de tempo, ela se recordará de nós.

No passado, São Paulo tinha o apelido de Terra da Garoa. Foi em uma dessas noites frias e chuvosas que Molière arquitetou um plano. convidou Júlia para ir à sua casa. ela aceita sem nada questionar. Molière lhe preparou um jantar não muito convencional para quem não se lembrava da sua origem. Júlia finalmente ia conhecer aquela maravilhosa casa, com a qual tanto sonhou acordada. Ao entrar na elegante residência, ficou abismada com os móveis e outras coisas que

estava vendo. Visualizou uma parede bem grande, onde se encontravam alguns quadros, todos cobertos.

Molière, gentilmente, puxou a cadeira para que ela se sentasse à mesa e, logo em seguida, serviu o jantar. A moça estava tão empolgada e emocionada que não tinha olhos para nada, a não ser para o belo e intrigante francês. O jantar era mais que uma banquetes. Detalhes da porcelana lhe chamaram atenção, eram diferentes de todos que conhecia. Observou que dentro do prato tinha um dedo humano bem temperados.

A ilustre visitante relutou para não comer aquilo. Nesse momento, ouvi o som do relógio de parede informando que era meia-noite. Imediatamente, olhou para Molière e viu que os olhos sedutores do francês estavam vermelhos e suas presas à mostra. Nessa hora, algo mexeu com o interior da visitante. Sentiu um calafrio, quase um desmaio, mas estava acordada e pôde visualizar todo o seu passado. Os quadros nas paredes, outrora cobertos, agora estavam descobertos e um deles mostrava a própria Júlia e Molière. Júlia perde a consciência, ao retornar, já se dá conta de que seu nome é Marie.

Marie tinha doze anos, era uma jovem belíssima, filha de uma família abastada.

Molière imediatamente interrompeu os pensamentos dela e disse:

— A família Oliveira é igual à minha. A única diferente é você. Você entrou na família pela beleza, os Oliveira não são seus pais. Demos uma nova vida para você e decidimos que você seria minha por toda a eternidade. Você era uma linda menina inocente e nós nos alimentamos de pessoas inocentes para fortalecer

nossa maldade. Faça um esforço e tente se lembrar de tudo.

— Estou me lembrando – respondeu Júlia, com a cabeça baixa.

Naquela noite, os dois dormiram juntos dentro do esquite.

No dia seguinte, Marinete veio trabalhar e sentiu um cheiro estranho, a casa estava bagunçada, tinha uma porta que dava para um grande quarto. Empregada entra no quarto e se depara com o francês, que ela nunca viu antes, dentro do esquite. Quase enlouqueceu.

O quadro da parede estava o francês e a mulher que dormiam juntos. Colocou a mão na boca para não gritar, a moça era a mesma da reportagem, só não sabia o seu nome. Na reportagem do Jornal Estado de São Paulo: moça desconhecida, muito bonita, porém com alguns aspectos fora do comum, tem grandes, pele pálida. Parecia morta. Atropelada à meia-noite de uma sexta-feira, 13. A polícia acionada, demorou para chegar, quando os policiais chegaram não encontraram o corpo nem sangue no referido lugar do atropelamento. Está fazendo cem anos desse caso enigmático. Nunca apareceu nenhum familiar e o caso ficou sendo chamado de o Caso da Vampira.

A fiel serviçal fez todo serviço, mas não conseguia entender qual o prazer de dormir em um esquite. Marinete se prepara para ir embora, precisa chegar cedo, tem dois filhos para criar. De repente, uma batida forte na porta do seu quarto, era seu marido, furioso, fazia mais de um ano que Marinete não se preocupava em arranjar um emprego para ajudar nas despesas da casa.

A empregada desempregada, nunca contou para ninguém, nem mesmo para o marido, esse pesadelo.

## ***COLONIZADORES***

Gabriel tem trinta anos de idade, é solteiro, mora só, trabalha em uma agência de turismo como intérprete. Está sossegado com seu dia a dia e seu trabalho.

Garotas flertam com Gabriel, mas no momento ele não quer envolvimento sério. Fala quatro idiomas que lhe dão condição de flertar com vários tipos de garotas de outras nacionalidades. A natureza lhe deu um tipo de beleza bem diferente dos rapazes da Ilha da Magia, esse é o nome de Florianópolis, por causa das praias lindas que existem na cidade.

Ele é filho de pai alemão e mãe portuguesa e essa mistura lhe deu uma beleza exótica: grandes olhos azuis, boca bonita e pele muita branca, que contrasta com os cabelos pretos. Tem 1.80 m de altura e peso proporcional. Chama atenção das mulheres, pois é muito charmoso.

Estamos em pleno verão, o clima não quente. Faz duas semanas que Gabriel anda tendo insônia e, quando consegue dormir, acorda assustado. Não vê o que ocorre nesses pesadelos. 13 de janeiro de 2017, sexta-feira, Gabriel acordou assustado, desta vez ele conseguiu visualizar uma silhueta feminina, com longos cabelos, de costas para ele. Ficou em dúvida se foi um pesadelo, pois foi muito intenso. Levantou-se da cama e foi verificar se a porta estava trancada. Sim, estava trancada. Preocupado, ficou pensando como uma pessoa poderia ter entrado no seu quarto com a porta fechada, seria um fantasma?

No seguinte, um sábado, dia de folga. Arrumou-se fez seu jejum em uma lanchonete no andar térreo do seu prédio. De repente, senta-se ao seu lado uma garota lindíssima, parecia feita de porcelana, trajando um vestido deslumbrante. Essa garota deixou o belo rapaz atônito. Gabriel, ao cumprimentá-la, observou que os atendentes da lanchonete o olhavam um pouco diferente do que de costume. Ele não deu importância, voltou a olhar para a bela princesa e perguntou seu nome.

— Me chamo Conceição, mas pode me chamar de Ciça.

Gabriel, perguntou de onde era aquele sotaque tão bonito.

— Sou colombiana, sei falar português muito bem, mas com sotaque.

— Linda voz a sua.

— Obrigada.

— Você é menor de idade – perguntou.

— Tenho dezenove anos – respondeu Ciça, rindo muito.

— Eu tenho 30, logo vou fazer trinta e um.

Gabriel a convidou para almoçar. Mas a moça recusou. Após, uma conversa e sorrisos, Gabriel fez sua última investida:

— Vamos sair à noite?

Ciça aceitou o convite e saiu de lá muito rapidamente, quase que Gabriel nem percebe sua saída.



Os funcionários da lanchonete olhavam para o rapaz e riam. Um disse para o outro: “deve estar doido, ou não dormiu direito à noite”.

Gabriel saiu andando, muito chateado, pelas ruas da Ilha da Magia. Florianópolis tem uma beleza rara, assim como as pessoas, lá tudo é muito mágico. Um paraíso!

À noite, Gabriel saiu sem rumo definido, precisava encontrar um amigo para conversar, falar sobre aquela linda garota, a bela moça de pele muito branca, magra, cabelos pretos e longos. Foi inevitável, o cupido picou o belo rapaz, nunca uma garota lhe chamou tanto a atenção como aquela.

Resolveu entrar em uma danceteria para ver se encontrava via amigo. Olhou ao redor, mas não viu ninguém conhecido. Sentou-se à mesa indicada pelo garçom e, quando ia pedir uma bebida, ouviu uma voz conhecida falando bem perto do seu ouvido: “pede uma Vodka para mim também”.

Naquele momento, a noite passou a ter outro significado.

Cissa trajava um vestido vermelho que marcava muito a sua cintura, parecia uma boneca. Gabriel nunca tinha conhecido uma garota tão linda, o cabelo longo, loiro acinzentado, contrastava com sua pele branca e o vestido vermelho completava um trio de cores que a deixava deslumbrante.

Como acontecera na lanchonete, as pessoas na danceteria olhavam fixamente para Gabriel. Ele retribuiu o olhar e observou algumas risadas. Porém, não riam para ele, mas, sim, dele! Não deu importância, creditou

aquilo à beleza de Cissa: “estou com a mulher mais bonita que já vi nesta cidade” – pensou.

Bebiam tudo que tinham direito.

Gabriel observou sua bela adormecida, parecia que ela estava bebendo água ao invés de vodca. Ele ficou admirado, mas não quis ser indelicado e nada comentou.

Cissa ria muito, exibindo seus dentes brancos e brilhantes. Gabriel não via a hora de abraçá-la, beijar ardentemente aquela boca linda e explorar tudo que, que ela concedesse.

Então, surgiu o primeiro beijo e abraço ali mesmo na danceteria, caloroso corpo encantador. Um abraço e um beijo cheios de sedução, como se fossem o guia para o caminho que Gabriel estava prestes a descobrir.

Ele, gentilmente, disse para Cissa que quando ela quisesse ir embora bastaria lhe falar.

— Ainda é cedo, vamos ficar mais um pouco, eu só preciso chegar à casa à meia-noite.

— *Ok* – concordou Gabriel.

Continuaram bebendo até que Cissa sugeriu a última vodca. Tomaram a saideira e foram embora. Dentro do carro, rolaram beijos e abraços mais acalorados, era tudo que o belo e atraente jovem queria. Gabriel viu que na porta da danceteria algumas pessoas olhavam para seu carro e riam muito. Porém, não pôde ouvir o que diziam:

Está mordendo os pulsos, passando a língua na mão.

Gabriel liga o carro e sai “queimando” pneu. Quando parou no semáforo, perguntou para Cissa para onde ela queria ir.

— Já está tarde, meus pais não gostam que eu chegue depois da meia-noite. Vamos marcar algo mais aconchegante para amanhã?

Ele concordou e seguiram caminho. Depois de uma hora dirigindo, Gabriel perguntou se a casa ainda estava muito longe. Ela disse que não.

Gabriel começou a se sentir incomodado com a distância, resolveu pegar um chiclete para eles no porta-luvas. O chiclete caiu da sua mão. Ao tentar pegá-lo, viu que os pés da sua encantadora boneca branca eram cascos de cavalo! Assustado, o rapaz quase bateu o carro em uma árvore. Pensando estar bêbado, olhou pelo canto do olho para sua princesa e viu uma velha com a pele toda enrugada e com um nariz enorme!

Ele freia bruscamente o carro e bate o nariz no volante. Sentindo muita ânsia de vômito, tentou abrir a porta e sair correndo, mas a porta não abria e o carro parou de funcionar.

— Não se preocupe, já chegamos – a mulher disse isso e mandou Gabriel olhar para frente. Lá estava um cemitério muito antigo.

Gabriel começou a se lembrar de ter beijado aquela boca e acariciando aquele corpo de bruxa.

Cissa, como que adivinhando os pensamentos do rapaz, diz:

— Eu não sou bruxa, mas estou morta há anos.

Em seguida, passou a falar sem parar:

Um dos primeiros colonizadores desta cidade era da sua família. Trabalhei para ele, na roça, para a sobrevivência minha e de meus pais. Sua família era muito grande e tinham o hábito de fazer festa toda vez que conseguiam uma boa colheita. Em uma dessas festas me drogaram com uma bebida caseira.

Fui estuprada e nunca soube quem foi. Fiquei grávida. Uma das senhoras alemãs me disse que eu teria que abortar. Eu não sabia o que era abortar! Abortar o quê? Eu tinha apenas 15 anos!

Uma sexta-feira eu fui chamada na administração da fazenda. A Sra. Hans queria falar comigo. Ao adentrar a luxuosa casa, deparei com a tal senhora. Nervosa, ela olhou para minha barriga e disse: *Vamos dar um jeito nisso*. Eu não tinha consciência do que estava para acontecer. Ouvi, quieta, e ela continuou: *Você precisa dar um jeito no que tem na sua barriga, não queremos um bastardo em nossa família*.

Gabriel ouvia, ainda muito assustado. A velha continuou seu relato:

Saí correndo de lá. Após três anos e ninguém sabia onde me encontrar. Meu pai, observando o jardim ouviu um trotar de cavalo, quando saiu viu que era eu, sua pequena, que há muito tempo estava desaparecida, me abraçou muito emocionado. Perguntei para minha mãe e soube que ela fora picada por uma cobra urutu-cruzeiro, morrendo instantaneamente. Despedi-me dele sem falar sobre meu filho. Eu estava casada com um fazendeiro, que assumiu meu bebê ainda antes de ele nascer.

Beije meu pai e sai cavalgando com muita rapidez. No caminho, fui parada por um dos trabalhadores da fazenda, que nutria um forte desejo libidinoso por mim. Ele rasgou minhas roupas com muita brutalidade, me violentou e tirou minha vida. Meu pai, com muito pesar, enterrou meu corpo no único cemitério existente naquela época: o Cemitério dos Colonizadores.

Terminado seu relato, Ciça aponta um túmulo à esquerda:

— É ali que estou enterrada.

Gabriel já tinha ouvido falar daquela história, mas nunca imaginou que seria uma vítima.

O rapaz apoiou a cabeça no volante do carro e começou a vomitar. Quando levantou o rosto, já havia amanhecido. Era sete horas da manhã, viu algumas pessoas tentando tirá-lo de dentro do carro, e não estava bem.

Gabriel procurou esconder esse acontecimento. Traumatizado, pediu demissão do emprego e mudou-se para São Paulo.

Porém, para sua tristeza, nunca conseguiu apagar Ciça de sua vida, a bela princesa sempre aparece em seus pesadelos.

## ***EU E VOCÊ***

Querido, meu coração fala alto e quer sentir seu corpo junto ao meu, já o meu cérebro traiçoeiro diz: Devagar e sempre, cuidado! Os dedos das mãos não são iguais. Visualize o que tem ao seu lado e não invente falácias de amor. Não concordo, mas pode ter certeza, ao mesmo tempo que quero você, também tenho medo, pois foi tudo muito de repente.

Eu já estava além dos meus limites quando encontrei você. Com o meu coração desiludido em relação a sentimentos. Procurava o caminho a seguir buscando o que é melhor. Pelas veredas e caminhos estreitos, meu cérebro mostra o que devo fazer. Desistir jamais, sonhar faz bem para o corpo e a alma. Sublime é o amor, e a perseverança também. Então, uma amiga de trabalho me disse:

— Você vive muito só, Júlia, está na hora de esquecer o passado e começar a viver.

Tomei uma decisão: comecei a viajar e sair com amigas, com as poucas que tenho. Depois de um tempo eu comecei a achar que estava faltando emoção. Viajar e sair com amigas já não bastava, meu corpo e meu coração pediam mais. o que mais?

Não quero admitir, mas estava sozinha e o que eu estava precisando era de algo muito mais forte, que é poderoso como um elixir que supera tudo. o “sentimento correspondido”.

Fiquei pensando em diversas facetas. Como faria para conhecer um ser especial? Em todos os lugares que eu ia, não encontrava ninguém com valores que me chamassem a atenção. As pessoas estavam vazias, nada acrescentavam, sempre tanta conversa boba! Fiquei

muito tempo pensando em qual lugar eu poderia ir para encontrar alguém especial. O tempo está passando e você aí sozinha.

Enquanto baixava um aplicativo para ler um texto, encontrei um *site* de relacionamento. Nunca imaginei que ali apareceria um “Apolo”.

A história desse amor é idêntica à dos meus pais, difícil de acreditar. Oito dias depois do primeiro encontro já estavam juntos. Sessenta anos juntos! Muita emoção envolvida.

Esqueçamos o passado e vamos falar do presente e do futuro que está por vir.

## **GRATIDÃO**

Eu tenho gratidão por viver com meu marido por tanto tempo. Quando o vi pela primeira vez eu era muito jovem, mas isso não me impediu de sonhar. Meu coração disse sim, ao sentimento que acabara de nascer. A partir dali comecei a visualizar aquele encontro todos os dias, como se fosse um mantra. Ele estava sempre comigo, onde quer que eu estivesse. Os dias foram passando e eu pensando como poderia fazê-lo entender que ao seu lado tinha alguém que ansiava por sua atenção.

Convidaram-me para ir a uma festa na casa de uma amiga. Fiquei surpresa, ele também era amigo da família. Nunca contei sobre os sentimentos que eu nutria por ele. A minha oportunidade chegará. Fomos apresentados formalmente, começamos a conversar e em pouco tempo ele me disse:

— Esse encontro é muito especial para mim.

— O quê?! — perguntei, espantada, e não sabia mais o que dizer.

Ele confessou que no dia em que nos vimos pela primeira vez ficou impressionado com a minha beleza quase inocente. Porém, ele tinha 32 anos e eu 17, muita diferença de idade.

Não tenho o hábito de falar do que penso e faço para ninguém, é segredo meu. Mas a partir daquele dia minha vida se tornou um conto de fadas. Casei-me com Felipe ao completar 19 anos. Temos 30 anos de um feliz matrimônio. É fato que em uma relação duradoura, ou mesmo passageira, há sempre contratempos, mas nós mantivemos nossa relação baseada na integridade. As partes negativas foram dissipadas na base do diálogo,



amizade, carinho e compreensão. Sem deixar de ressaltar que o sexo fortalece toda essa base da vida a dois.

## *AO TEU LADO*

Nenhum ser humano quer passar o resto dos seus dias sozinho. Você é o que mais importa para mim hoje, amanhã e para toda a vida. Meu coração te escolheu para fazer parte do mim.

Quero você ao meu lado, não importa como! Você consegue imaginar o bem que me faz? Como expressar tais sentimentos?

Você me enfeitiçou logo que meus olhos foram ao encontro dos seus. Estou muito feliz por ter sido enfeitiçada por você. Nós ficamos muito tempo à procura de algo que nos preenchesse. Sempre procurando uma forma de sermos felizes. Mas dessa forma não existe! Não há receita para o amor, nem explicação plausível para tal sentimento entre duas pessoas.

Não somos donos de ninguém. De repente, como se fosse uma chave mágica, nos deparamos com uma situação inusitada, que sacode nosso cérebro, mexe com o sangue que corre em nossas veias e nos envolve de tal modo, como se fosse um manto que desconhecemos.

Nós nos sentimos especiais e já estamos apaixonados, simplesmente por causa da paz do momento. Nasce um grande amor, até quando perdurará essa onda de cegueira? Se o amor cega e nos faz sentir bem, quero que continue assim, por toda vida ao teu lado.

## ***CAFÉ COM MEU AMIGO HUMORISTA***

Em uma manhã ensolarada, em pleno verão de 2016, eu estava tomando café com meu amigo João, um humorista mineiro nascido em Firmino. Hoje, vivendo na grande metrópole paulista, faz *shows* de humor e participa de apresentações na televisão.

Nosso desjejum, que estava uma delícia, consistiu em um pão de queijo e uma xícara de café com leite. Nosso encontro foi gratificante e muito divertido ter a companhia dessa ilustre personalidade. Terminando o café fomos ao teatro, onde fazíamos aula de encenação. Ele estava se reinventando após quatro anos fora dos palcos. Sorte a minha, de estar no mesmo palco e ter a felicidade de contracenar com esse grande artista.

Saindo da lanchonete, com destino ao teatro, tivemos um grande susto. Carro em alta velocidade veio na contramão e quase nos atropelou. Nunca tive tanto medo de morrer. O carro parou bem próximo a nós, por questão de segundos não machucou minhas pernas. Meu amigo ficou pálido, ou melhor, ele já é pálido por natureza e sua estatura franzina faz com que ele pareça estar sempre debilitado. Mas ele me puxou com muita força.

Eu pude sentir o pulsar do meu coração. O medo de morrer me surpreendeu.

Naquele momento, pudemos observar que o motorista estava debruçado no volante, com os olhos fechados. Parecia que ele estava morto. Sobressaltados, fomos até ao carro para verificar se o motorista estava mesmo morto. Porém, tivemos uma grande surpresa, ele estava vivo, mas muito embriagado.

Como é que pode? Pessoas irresponsáveis, não se preocupam consigo nem com o próximo! Naquele momento poderiam ter acontecido mortes de ambos os lados, motorista e pedestres. Como não foi muito grave o ocorrido, deixamos para lá e saímos andando devagar até chegarmos ao teatro, na Rua Paim, Bela Vista, onde faríamos a encenação teatral. O Teatro Maria Della Costa tem capacidade para receber 370 pessoas e foi construído em 1954.

A apesar do passar dos anos, ele continua lindo. Era naquele lugar que recarregávamos toda a nossa energia.

Um dia, após três horas de uma aula bem-sucedida ministrada pelo professor Tadeu, estávamos na recepção, quase saindo do teatro, quando o celular do meu amigo chamou. A voz do outro lado era de um produtor de *shows*. João olhou para mim com o semblante bem diferente; alegre, mas, ao mesmo tempo, preocupado.

— Vou lhe fazer uma pergunta e você vai me responder sim ou não. — disse o interlocutor.

Nesse momento, ele falou para mim, bem baixinho:

— Tem algo errado.

— Quer fazer parte de um filme, com contrato e tudo o mais que você tem direito? — perguntou o produtor.

— Sim! — respondeu na hora.

Foi um dia de muita sorte. É gratificante para o artista, que espera há muito tempo por uma oportunidade, poder mostrar o seu talento. A partir daquele momento

apareceram muitos trabalhos em *shows* de televisão e ele pôde mostrar a graça das suas piadas.

Ficamos juntos durante todo o verão de 2018, desfrutamos do calor das manhãs paulistas aos sábados e das aulas de encenação. Em março de 2019, começaram as gravações do filme que era a realização dos seus sonhos.

Eu continuei no teatro. No término do curso, na hora da minha apresentação, olhei para a plateia e vi meu amigo. Muita emoção junta. O sorriso e a energia que ele me enviou foram tão intensos, tão positivos, que acho que vieram do sol, pois comecei imediatamente a sentir calor. Depois da apresentação ele veio ao meu camarim e, a sós, tivemos uma longa conversa, pudemos falar dos dias em que ficamos longe um do outro, além de recordar o início daquele ano promissor para nós dois.

## *LÍDIA*

Lídia nasceu em uma família de trabalhadores, seu pai era funcionário público e sua mãe trabalhava em uma fábrica de costura. Na condição de filha única, tudo de bom e do melhor essa garota tinha. Mas não tinha beleza, nasceu feiosa. Foi crescendo com o peso sempre um pouco acima do indicado para a idade e nunca conseguiu emagrecer. Na escola, sofreu horrores com a ignorância do preconceito, seus amigos nunca a trataram bem.

Aos dezesseis anos, já moça, Lídia continuava feia e obesa. Nenhum garoto se aproximava dela e todos os amigos diziam que ela ia ficar só. Como alguém ia namorar uma bruxa? Essas palavras lhe foram ditas várias vezes e a deixaram muito magoada.

Certo dia, Lídia não quis que seu pai fosse buscá-la no colégio. Foi sozinha para casa. No caminho, um moço muito bonito, aparentando ter uns vinte anos de idade, flertou com ela. A conversa foi longa e proveitosa, na despedida marcaram um encontro. No dia seguinte, novamente Lídia diz para o pai:

— Não precisa me buscar no colégio, papai. Eu venho a pé.

O nome do jovem encantador que Lídia conhecera era Leonardo. Logo, a apaixonada moça começou a chamá-lo de Leo.

Ninguém sabia que Lídia assistia a filmes para adultos e se identificava com as façanhas das atrizes nas cenas.

O primeiro encontro de Leonardo e Lídia aconteceu em dezembro de 2014. Ela era virgem, ele aproveitou-se das circunstâncias do encontro e foi “aos fatos”. Anseios libidinosos da garota não eram bem-aceitos por Leo. O belo rapaz não correspondia às *performances* que ela desejava realizar. Ele não imaginava que ela fosse virgem, queria apenas se divertir com aquela garota feiosa.

Assim o fez, divertiu-se muito. Lídia, com a libido muito aguçada, entregou-se ao rapaz quantas vezes ele correspondeu.

Fato consumado, Léo mudou o seu trajeto e ela nunca mais o viu.

Lídia, percebendo que o homem da sua vida não a procuraria mais, entrou em depressão. Os pais ficaram muito preocupados. De um dia para outro, a moça mudou o seu comportamento, começou a sair à noite e voltar muito tarde sem avisar a família.

A busca por filmes adultos se intensificou. Ela queria uma conexão entre os seus devaneios e a energia do deus Baco.

Sua conduta já não condizia com os valores que seus pais lhe ensinaram. Ela se entregava a uma outra realidade e seus pais não sabiam.

Em fevereiro de 2016 a jovem completou dezoito anos. Enfim, maior de idade!

Viciada em sexo e drogas, nos seus delírios queria um grande amor, tudo o que sonhara desde muito jovem. Saía com tudo e com todos para encontrar a felicidade.

Em uma sexta-feira, verão de 2016, Lídia entrou na *Deep Web*. Conheceu um homem, Carlão, trocaram algumas ideias e ele lhe disse que faria dela a mulher mais feliz do mundo. Ela acreditou! Carlão a convidou para sair. Convite aceito, o homem desconhecido da *Deep Web* disse:

— Vou levar meu *kit*.

— Está bem, que tipo de *kit* você vai levar?

— O que vai lhe deixar realizada.

— Quero todas as possibilidades. — confessou Lídia, rindo.

— Claro! Tenho muitas. — afirmou Carlão.

Naquela noite, a jovem se drogou mais do que de costume para se encontrar com um homem sobre o qual não sabia nada a respeito. Porém, ao chegar à porta da casa, teve um mal súbito. Com muito esforço, conseguiu voltar para o seu quarto, sentou-se na cama e começou a delirar.

Entre desejos e devaneios, o que estava acontecendo naquele momento era algo desejado por Lídia há muito tempo. Ela via uma estrada grande e larga, mas sem nenhuma luz. Mesmo assim, deu continuidade ao seu intento. Fechou os olhos por alguns instantes e deixou-se levar. já estava em uma vereda de difícil acesso. Na sua frente estava o homem dos sonhos. Notou uma boa energia, sentiu-se flutuando, indo em direção ao céu. O homem olhou bem em seus olhos e perguntou:

— O você quer que eu faça?



— Me ame, me use, preciso do seu calor, dos seus beijos, una seu corpo ao meu.

O homem pega na mão de Lídia e pergunta:

— Você sabe quem eu sou?

— Não quero nem saber.

Naquele momento o homem desapareceu da sua frente. Lídia ouviu vozes e começou a visualizar algumas pessoas, com máscaras, ao seu lado.

— Onde estou? — perguntou.

Alguém respondeu que ela estava em um hospital.

— Como vim parar aqui?

— Você caiu da escada. Fraturou duas costelas, machucou os joelhos e deslocou um braço. — respondeu, de forma amável, uma enfermeira.

Ela tenta dormir e o homem da vereda lhe aparece novamente. Ele não disse nada, apenas olhou para a garota. A sensação de bem-estar que Lídia sentiu foi excepcional. O homem continuava ao seu lado.

— Eu sei o que você é, não é um homem qualquer. Muito obrigada. — agradeceu.

Lentamente, aquele homem desapareceu.

Depois daquele episódio, Lídia nunca mais teve impulsos para participar de certos eventos “diferentes”.

## ***HOMOFOBIA***

Agosto de 1996, nascia Leonardo, filho de Maria da Graça Joaquim e Antônio José Joaquim, descendentes de portugueses. Era uma bela criança, com grandes olhos azuis. O nascimento trouxe muitas alegrias, mas também tristezas... após quatro dias o pai foi picado por uma cobra-coral e morreu. A Sra. Graça trabalhou na roça até que Leonardo completasse dezessete anos.

Em uma sexta-feira, dia treze, ela não mais acordou para a vida.

Leonardo estava sozinho, apenas com sua tia Dalva. Seus avós já haviam falecido e os outros familiares moravam em cidades distantes.

Após o enterro, um homem se aproxima de Leonardo. Era Manuel, que lhe diz:

— Preciso contar por que sua mãe nunca te defendeu de minhas investidas. Vocês não tinham dinheiro suficiente para o sustento. Duas pessoas convivendo no mesmo teto e apenas uma trabalhando, é muito gasto. Bancar vocês foram muito gratificante. Tudo tem um preço.

Ele não acreditou nas palavras que aquele ser desprezível proferia sobre sua mãe. Entretanto, parou para pensar, aquilo fazia sentido, pois quando o demente demorava a aparecer, sempre faltava algo em casa para a alimentação.

Leonardo nunca havia contado para ninguém o que lhe ocorrera aos nove anos de idade. Naquele tempo não se falava claramente a respeito de homo afetividade. Verão de 2005, o belo e ingênuo garoto, de apenas nove anos de idade, foi ao rio pegar água para suprir as necessidades da família. Ao longe, avistou Manuel, um jovem de uma beleza sem igual. Manuel era homossexual, mas ninguém sabia. A criança inocente foi violada por aquele ser monstruoso. Foi um horror.

Ao chegar em casa, machucado, contou sobre o ocorrido para a mãe. Porém, ela não lhe deu atenção. A partir desse dia, Leonardo foi abusado inúmeras vezes.

Agora, após completar dezoito anos, o jovem podia viajar sozinho e tomar suas próprias decisões. Informou à sua tia que partiria para São Paulo.

Antes de viajar, foi ao cemitério municipal de André da Rocha, sua cidade natal, no interior do Rio Grande do Sul. Com uma população estimada em 1.230 habitantes, esta pequena cidade é composta por pessoas de nacionalidades portuguesas, italiana, polonesa e alemã.

Era verão e o intenso azul do céu confundia-se com o azul-turquesa dos olhos do belo rapaz. O esquecido cemitério aumentava a sensação de dor e melancolia. Leonardo começou a se lembrar de sua infância, com sua mãe, eram lembranças mesquinhas e dolorosas. Estava absorto em pensamentos do passado quando um vento frio envolveu seu corpo como se fosse um abraço. Naquele momento, visualizou a silhueta da sua mãe, ao que ele saiu do apavorante lugar sem olhar para trás.

Em janeiro de 2015, Leonardo desembarcou no Terminal Rodoviário Tietê com dinheiro suficiente para pagar alguns meses de aluguel em uma pensão barata, até conseguir um emprego. No desembarque, olha para uma família muito feliz que estava confraternizando com um recém-chegado.

Giovanni era o homem que estava sendo recepcionado. Eles se entreolharam, foi amor à primeira vista. Ambos se aproximam com ímpeto e cumprimentam-se. Lindos, olhos azuis, meigos e com olhares contagiantes, coincidências que deram sentido para a existência de ambos.

Giovanni é homossexual, bem-sucedido e muito conhecido no centro de São Paulo. Tinha uma casa

noturna na Rua Aurora, onde produzia *shows* eróticos. Ali, trazia à tona todos os desejos libidinosos dos frequentadores. A temática dos seus *shows* era de grandes emoções, enforcamentos e outras coisinhas mais.

Em um ano morando com Giovanni, Leonardo se tornou o *stripper* mais requisitado das noites paulistanas. Mas o ciúme em alta escala de entre ele travava sua ascensão. Leonardo amava Giovanni com todas as forças do seu ser. Esse homem foi o grande amor da vida daquele que, quando menino inocente, fora maltratado e abusado com crueldade.

No Boulevard da Av. São João, mais precisamente em frente do Conservatório Musical de São Paulo, estava acontecendo uma comemoração muito peculiar. Giovanni completou quarenta anos de idade e resolveu fazer uma grande festa ao ar livre, convidando muitos amigos da sociedade *gay* de São Paulo. Era para ser um grande evento em nome do amor.

Sobre o palco, iluminado por luzes brilhantes com as cores do arco-íris, podia-se ver o altar dos deuses Apolo, Ártemis e Vênus. Era pura energia divina.

Os dois seres iluminados e apaixonados resolveram fazer uma peça teatral para.

Uma semana depois, Giovanni estava vivendo entre a loucura e a realidade. Em seu apartamento, sentado na cama, abraçado à foto de Leonardo, sentiu o odor agradável e familiar do perfume que seu grande amor usava. De repente, ouviu uma voz suave sussurrar em seu ouvido. Era Leonardo, dizendo: Vim te buscar, o paraíso nos espera. Venha!

Giovanni tomou uma dose muito forte de remédio para dormir. Não teve tempo para se despedir de ninguém.

mostrar aos amigos o quanto seus sentimentos eram verdadeiros. No meio da encenação ouviu-se um

tiro. em cima do palco, um corpo caído. Um homofóbico atirou para matar o mais belo sentimento vivido por todos os seres: diferentes, especiais e, ao mesmo tempo, iguais. Ali estava Leonardo, nos braços de Giovanni, agonizando e balbuciando suas últimas palavras:

— Giovanni, meu amor, nesse palco de ilusões... ilusões vividas... que se tornaram realidade...eu te agradeço, meu amor... estarei sempre contigo...

Com Leonardo nos braços, Giovanni chorava e acariciava o corpo inerte daquele a quem amava intensamente.

Uma semana depois, Giovanni estava vivendo entre a loucura e a realidade. Em seu apartamento, sentado na cama, abraçado à foto de Leonardo, sentiu o odor agradável e familiar do perfume que seu grande amor usava. De repente, ouviu uma voz suave sussurrar em seu ouvido. Era Leonardo, dizendo: Vim te buscar, o paraíso nos espera. Venha!

Giovanni tomou uma dose muito forte de remédio para dormir. Não teve tempo para se despedir de ninguém.

## *AUTÓPSIA*

São Paulo, uma das maiores cidades do país, recebe pessoas de todas as partes do Brasil e do mundo, é um celeiro de nacionalidades. Morar nessa aqui é uma constante aventura, adrenalina vinte e quatro horas por dia. Trens transbordando de tão cheios, ônibus superlotados. Essa é a quarta maior cidade do mundo em população. São Paulo, que faz os pobres sonharem com riquezas e os ricos ficarem mais ricos.

O médico Carlos Antônio trabalha no Instituto Médico Legal (IML), há 15 anos, periciando corpos e obtendo provas que possam elucidar casos complexos.

O telefone toca. É a secretária do Dr. Gervásio, Sra. Ivonete.

— Em que posso ajudar? — Dr. Antônio pergunta.

— Por favor, venha depressa à sala do Dr. Gervásio. — pediu, aflita, a secretária.

Dr. Antônio atende prontamente ao chamado e, ao chegar, encontra uma cena horripilante. O Dr. Gervásio estava morto, morto por asfixia, resultante de envenenamento. Quem envenenaria aquele homem que era amigo de todos e estava sempre à disposição para ajudar?

Dr. Antônio começou a passar mal, foi levado para o hospital. Em seu leito de recuperação começou a lembrar-se do tempo em que o Dr. Gervásio era seu professor. Eles se tornaram muito amigos e, dentro do ambiente de trabalho, comunicavam-se por metáforas do tipo:

“copo meio vazio”, significando que estava tudo errado; “copo meio cheio”, significando que estava tudo indo bem; “Tieta do Agreste”, para dizer “estou namorando”...

Há uma semana o Dr. Gervásio estava com um semblante radiante. Olhou para o aluno amigo e disse:

— Tieta do Agreste.

— É a nova secretária?

— Depois te falo tudo. Vais ficar surpreso!

Já recuperado, voltando a trabalhar, o legista periciará o corpo de seu amigo. Na sala de autópsias, ao puxar a grande gaveta onde se encontrava o cadáver, quase teve um ataque do coração. O cadáver gelado do amigo estava sorrindo para ele! Começou a tremer, fechou os olhos e quando abriu o corpo estava de bruços. Puxou a gaveta toda e chamou alguém para lhe ajudar a colocar o defunto na mesa. Cobriu-o, saiu da sala e foi ao banheiro. As portas dos boxes estavam todas fechadas, como se houvesse pessoas lá dentro. Tudo muito estranho, olhou por baixo das portas, não havia ninguém, mas ouviu um som de descarga. Como pode alguém dar descarga se os boxes estão vazios? — pensou.

Saiu correndo dali e voltou para a sala de trabalho. Ao entrar, sentiu um aroma de chocolate, o mesmo dos chocolates que eles comiam juntos. Alguém bateu na porta e, ao abri-la, viu o Dr. Gervásio, em pé, bem à sua frente.

Sei que vou enlouquecer e não posso contar para ninguém. Quem acreditaria nessa história absurda? — disse isso e saiu da sala outra vez, foi tomar um café,

precisava se concentrar. De volta para dar continuidade ao trabalho, antes de entrar na sala, pensou: “Vou falar com o morto”.

Pediu ajuda para Deus e entrou. Não viu ninguém, procurou o cadáver por toda parte, sentou-se e ficou pensando como explicaria à diretoria do hospital que o corpo havia sumido.

Pousou a cabeça na mesa, estava muito preocupado. De repente, sentiu uma gelada mão no seu pescoço. Não teve coragem para se mexer, mas tinha certeza de que conhecia aquela mão. Esperou um pouco, olhou para trás, mas não viu nada. Levantou-se da cadeira e disse:

— Vamos parar com essas brincadeiras!

— Você só vai saber o motivo da minha morte se eu contar — disse Dr. Gervásio rindo muito.

— Pois então conte!

— Vou lhe dar uma dica: volte à minha sala de jantar e veja o que dá para ser periciado.

Dr. Antônio, agora em seu quarto, começou a visualizar tudo que tinha naquela sala, onde tudo aconteceu. Adormeceu e teve um sono atribulado. Ao acordar, lembrou-se dos pratos, talheres, copos, móveis, mas nada que pudesse dar subsídios para uma investigação satisfatória.

Voltando ao IML, entra na sala de autópsia e lá está o corpo inerte do seu amado professor. A emoção toma conta do doutor. Antes que seu auxiliar entre, aproxima-se do cadáver e, sentindo um forte impulso, começa a acariciar os cabelos brancos do falecido



mestre. Mas, com um movimento brusco, o defunto senta-se na mesa, pega as mãos do seu aluno e as aperta com muita força. O pobre homem não conseguia se desvencilhar; tremia, chorava e rogava a Deus para o libertar daquela força maligna. De repente, um suspiro profundo e Dr. Gervásio começa a falar:

— O motivo da minha morte foi o excesso de carinho que fiz em sua noiva. Depois de um jantar delicioso e uma boca quente acariciando e aquecendo meus lábios, não deu para aguentar. Peço desculpas, sua noiva é muito gostosa. O encontro entre o côncavo e o convexo foi um manjar dos deuses.

O legista começou a ranger os dentes, como se estivesse sentindo uma dor muito forte. Enquanto isso, o morto ria muito e dizia “que delícia, que delícia”.

O antigo aluno, decepcionado, enraivecido como um lobo, pegou um bisturi e começou a furar o cadáver incontáveis vezes.

O auxiliar entra na sala e não consegue entender aquela atitude do médico. O ódio predominava e o legista continuava furando o corpo sem vida. Gritos, muitos gritos, parava um pouco de gritar e dizia traidor, traidor, eu te odeio. Eu vou matá-la também.

O auxiliar emite um pedido de socorro. Quando os seguranças chegaram, o violador de cadáver estava irreconhecível, ensandecido. Subjugaram-no e levaram-no para a psiquiatria.

Dr. Antônio ficou com sérios problemas psicológicos. Um ano depois suicidou-se, não conseguiu superar a traição.

Eles eram bissexuais, foram amantes por muito tempo. O casamento do Dr. Gervásio e o noivado do Dr. Antônio eram apenas encenações. A verdadeira dor do legista era ciúme. não da noiva, mas do seu grande amor.

## *EU E MINHA FAMÍLIA*

No Brasil, no ano de 2010, uma recém-formada em História pela Universidade Federal de São Paulo viaja para Roma, para fazer pós-graduação sobre a História da Itália.

Sandrelli chega em um final de semana de primavera e fica encantada com a bela cidade. Observava tudo e todos. Hospedou-se num hotel bem próximo à Estação Colosseo do metrô. Assim, teria facilidade para se locomover pela cidade.

No dia seguinte, após uma boa noite de sono, em visita ao Coliseu começou a refletir sobre as pessoas que um dia perderam suas vidas ali. Experimentou uma mistura de sensações, mas com o tempo curto, deixou o lugar sem conhecê-lo. Como ficaria dois anos estudando em Roma, teria muito tempo para ver e sentir a energia daquele e dos outros lugares que iria visitar.

Passaram-se dois anos, Sandrelli concluiu o seu trabalho. Fez pesquisas sobre muitos locais importantes como o Vaticano, a Capela Sistina, a Praça de São Pedro e o Coliseu. Este último foi o palco de sua maior emoção.

Faltando alguns dias para o retorno, resolveu fazer uma visita de despedida ao Coliseu.

Ficou dois anos só estudando, sem tempo para passeios nem diversão. Aventurar-se em uma conquista então, nem pensar. Mas o universo se encarregou disso.

Ao entrar pela última vez no Coliseu não pensou nas barbaridades cometidas ali, apenas vivenciou como a energia daquele lugar foi boa para ela. Continuou andando sem pressa. Perto dela, junto a outros turistas,

viu um homem alto, bonito e muito elegante. Os olhares se cruzaram, o homem aproximou-se dela e apresentou-se:

— Olá. Sou Milano Lorenzo.

Milano falava português muito bem, pois morou no Brasil durante dois anos, trabalhando em restaurantes na cidade de Santos.

Foi amor à primeira vista!

De volta ao Brasil, começou a trabalhar na função de professora em uma escola particular. Milano, na despedida, prometeu que chegaria a São Paulo em dois meses.

Casaram-se e dessa união nasceu Paola. A vida continuou cheia de emoções. Passeios eram constantes na vida deles. Paola completará cinco anos. Uma linda garota, cabelos longos cor de mel e lindos olhos azuis, iguais aos do pai. Já em 2019, Milano tinha conseguido montar dois restaurantes. Dinheiro não faltava em sua conta bancária e a felicidade transbordava em seu lar.

De repente, uma peste assola todo o Globo. Contaminado, muitas pessoas morreram. COVID — 19, o mal do século! Hospitais lotados, sem leitos disponíveis e o comércio fechando as portas. Era a ordem dos governadores e prefeitos: “Fiquem em casa”. Toda a nação ficou refém da maldita doença. Várias empresas faliram deixando muitas pessoas desempregadas. Sem ter de onde tirar o sustento, algumas se suicidaram. Foi um caos.

Milano tinha muito dinheiro no banco, não despediu funcionários e continuou pagando seus proventos até a liberação do Auxílio Emergencial

oferecido pelo governo. Apesar das atribuições daquele período, estava feliz.

Em uma sexta-feira do mês de maio, ao chegar a casa encontra Sandrelli um pouco estranha e Paola com febre.

Levou-as ao hospital, onde passaram por exames, e o diagnóstico foi positivo para COVID. Milano sentiu a dor da traição do destino. Ficaram internadas por dois dias e, no terceiro, foram intubadas. Desde aquele fatídico dia, nunca mais Milano as viu. Elas acabaram falecendo. Nem aos sepultamentos ele pôde ir, sentia-se morto também. Ainda possuía uma boa reserva financeira, o que lhe permitia manter os restaurantes fechados. Porém, a sua família, não estava mais com ele. Esse era o maior problema.

Depois daquela tragédia, Milano perdeu a vontade de viver. Entregou-se à solidão, não comia nem se cuidava, acabou caindo numa profunda depressão. Vagava pelas ruas de São Paulo sem desejar ou admirar nada. Todo seu dinheiro e bens já não importavam. Nos seus pensamentos, visualizava um encontro com as duas pessoas que mais amara nesta vida.

Avenida São João, ali foi o seu palco de morte. Em uma madrugada chuvosa, faminto e com muita dor no peito, Milano caminhou cambaleando pelas ruas do centro. Na calçada da esquina da Avenida São João com a Av. Ipiranga, caiu na porta de um bar muito famoso e, sem forças para se levantar, ali mesmo ficou. Olhou para o céu como que pedindo forças para o universo e declarou seu último desejo: Todos nascem, crescem e morrem. Permita que eu parta.

No dia seguinte, quando os funcionários do bar chegaram para trabalhar. Ao abrirem abrir as portas, encontram o corpo inerte de um homem que amou a vida, sua família e ajudou seus colaboradores.

## ***DÉCIMO PRIMEIRO ANDAR***

Domingo frio e chuvoso. Marly, acomodada em sua cama, ouve barulho no elevador. Era voz de homem, brigando com outro homem. Vizinho ciumento, mas se amavam loucamente.

Marly vai à janela, avista a Praça da República. Com a chuva dando uma trégua, sente um desejo de passear, admirar os produtos da feira de artesanatos. Ela sente muita solidão, precisa de uma boa conversa, de alguém que lhe complete.

Na barraca que vende acarajé, sarapatel e outras comidas baianas deliciosas, pede uma porção de acarajé. Olha para o semáforo e vê uma linda mulher atravessando a Av. Ipiranga, vindo em direção à barraca.

Marly nunca negou sua sexualidade. Tudo com o que sempre sonhou na vida estava bem à sua frente. Sentiu que seu olhar estava sendo correspondido. Com o coração acelerado, convidou a deusa para sentar-se ao seu lado.

Comeram acarajé com bastante pimenta. Tiveram uma conversa agradável, seus desejos eram compatíveis: queriam simplesmente ser felizes.

Marly não se cansava de admirar aquela mulher alta, loira, de olhos azuis e cheia de qualidades. Ana era seu nome e a recíproca era verdadeira.

Tinha tudo para dar certo. Marly, contadora, linda de olhos verdes e muito inteligente. Ana, psicanalista, alto-astral, um casal perfeito!

Sentimento puro, o amor entra em nossas vidas sem ser convidado e soma, multiplica, divide, mas nunca subtrai. Sim, existe e é lindo!



## ***O GENERAL***

Em um lugar muito distante, um belo general comanda um grupo de soldados que estão dispostos a defender seu país com a própria vida. Morrer por sua pátria onde e quando for preciso. Este amor não tem precedentes. São seres humanos que se envolvem com sua própria causa e com a causa alheia.

O amor é a maior expressão de sentimento para com o próximo.

Essas vidas sentem fome e alimentam-se, mas distantes de seus entes queridos sentem a falta deles e não têm como suprir. Creio que seja muito difícil viver sem o toque de uma pessoa gentil, sem um olhar carinhoso de alguém que lhe fale tudo o que deseja ouvir.

Um dia o sol nasce amarelo, brilhante como o ouro. As folhas verdes mudam de cor e as aves sentem vontade de voar com mais intensidade. Em outro dia qualquer, o sol está prisioneiro das nuvens, da neblina, não consegue fazer as folhas brilharem e as aves ficam acomodadas no mesmo galho em que nasceram.

De repente, aparece o furacão tirando o sossego e a paz de todos os animais vivos da terra, inclusive do homem, que faz parte da luta armada, a luta pela sobrevivência.

Em outro lugar distante, onde existem seres humanos solitários, a guerra acontece de outras formas, na forma de preconceito, de solidão. a falta de harmonia nesse lugar é constante.

O universo nos oferece várias faces, nossa obrigação é descobrir qual nos é adequada. Nós nos apropriamos de muitas, mas a maioria delas não tem valor. Andamos a esmo pela cidade à procura de algo que possa preencher nosso imenso vazio interior, mas nada encontramos. É o sistema, que dita as regras; a globalização, a falta de união e de harmonia.

O ser humano deve se posicionar a favor do amor, amando o próximo como a si.

Em qualquer circunstância, o amor sempre fala mais alto.

## ***PEQUENO GABRIEL***

Neide trabalha como auxiliar de serviços gerais em uma fundação. O salário que ganha nesse trabalho geralmente não cobre todas as suas despesas. Conseguir sobreviver com tão pouco é quase impossível. Então, quando pode, ela faz algumas horas-extras para suprir suas necessidades. Ela sempre repete o mesmo jargão: *o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus não é nada*. Nasceu na roça, viveu lá toda sua infância e adolescência até casar-se com João e vir para São Paulo. Cidade que realiza os sonhos de progresso de muita gente.

Em 2019, o mundo foi assolado pela pandemia de COVID-19 e muitas pessoas perderam seus entes queridos. Neide foi uma delas: com o marido, três filhos — dois rapazes maiores e uma menina menor — uma nora e o neto; ao todo, em sua humilde residência, contavam-se sete pessoas, que viviam intensamente a alegria de compartilhar momentos felizes.

No verão de 2021, Neide chega a casa à noite, após o trabalho, e percebe algo diferente com seu pequeno Gabriel. Lágrimas brotaram em seus olhos. Já perdeu sua nora para a COVID-19, perder o neto, ela não aguentaria. Aproximou-se e o beijou. O menino pediu para ficar no seu colo. A emoção daquele momento foi imensurável. Logo o menino adormece e ela o coloca na cama, observa que ele está apenas cansado; afinal, criança corre, pula, exageram nas brincadeiras de saltar do muro.

Ao amanhecer, a avó vai à cama de Gabriel, o belo garoto dorme como um anjo. Neide sente seu coração batendo forte, mas é de alegria por saber que

estava tudo bem com sua família. Foi trabalhar, sempre com muita disposição. No trajeto, o ônibus passa em frente do Hospital das Clínicas, e ela observa as pessoas na porta que, com certeza, perderam seus parentes e amigos. Elevou o pensamento a Deus e pediu que cuidasse do seu neto, aquele belo menino era muito precioso para ela.

Trabalhar na limpeza de uma empresa é uma tarefa árdua. Neide sentia isso na pele, os anos passaram despercebidos e a deixaram mais experiente e cansada! “Isso não importa”, pensava Neide, “envelhecer faz parte da vida”.

Às dezessete horas, saiu do trabalho preocupada, tentou ligar para casa, mas percebeu que o telefone estava sem créditos. Trabalhar no centro da cidade não é ruim, mas o metrô, naquele horário, sempre está muito cheio, nem sempre se consegue embarcar. Naquela tarde, para atrapalhar mais ainda, uma pessoa se jogou nos trilhos, na Estação Sé.

Chegando à sua residência, viu que a casa estava fechada, achou muito esquisito. A vizinha, Eulália, põe a cabeça para fora da janela e diz:

— Boa noite, Neide. Seu marido saiu às pressas com o Gabriel, acredito que ele não esteja muito bem.

Neide agradeceu e foi correndo ao pronto-socorro da AMA. No caminho, chorando muito, pegou o telefone e seu pranto se intensificou, mais uma vez se culpou por ter esquecido de colocar créditos.

O pronto-socorro estava lotado, Neide estava desesperada para encontrar seu esposo. Todos da família tinham menos de sessenta anos e trabalhavam

fora, menos o avô, que era autônomo e, após o falecimento da nora, cuidava do neto e da filha menor. Um enfermeiro passa empurrando uma maca e ali estava seu precioso Gabriel, todo cheio de aparelhos, mas com vida. Tentou falar o nome dele, mas não conseguiu.

Gabriel, percebendo a presença da avó, dirigiu a ela um olhar profundo, mas nada disse. A maca segue para a UTI, o quadro do garoto era grave, necessitava de intubação. Os avós voltaram para casa desolados, rezando para Deus curá-lo.

Gabriel ficou intubado, foi um martírio para família, pois não puderam vê-lo. Todos os dias recebiam um informe do hospital: “o quadro do paciente continua estável”. No décimo primeiro dia a família recebe o triste comunicado informando que Gabriel tinha ido a óbito. Devido às restrições impostas pelas autoridades, os familiares não puderam comparecer ao sepultamento da criança, que partira deixando saudade, lembranças e muita dor, principalmente para a avó. A peste não lhe concedeu abraçar seu neto antes de partir.

Consórcio Alegro

